

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

SABRINA REGINATTO

**UM ESTUDO DE [VAI SABER] NO PORTUGUÊS EM PERSPECTIVA  
CONSTRUCIONAL**

TRÊS LAGOAS – MS  
AGOSTO/ 2023

SABRINA REGINATTO

**UM ESTUDO DE [VAI SABER] NO PORTUGUÊS EM PERSPECTIVA  
CONSTRUCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos) do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Solange de Carvalho Fortilli

TRÊS LAGOAS – MS  
AGOSTO/ 2023

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Solange de Carvalho Fortilli (Orientadora)  
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS)

---

Prof. Dr. Eduardo Penhavel de Souza  
(Universidade Estadual Paulista-UNESP)

---

Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes  
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS)

---

Prof. Dr. Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira (suplente)  
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS)

*À minha mãe, minha força.  
Aos meus irmãos.  
Dedico*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, pela vida daqueles que amo, e por se fazer evidente em cada detalhe. Sem Ele nada seria;

À minha querida orientadora, Prof. Dra. Solange de Carvalho Fortilli, pela amizade e por ser luz na minha vida acadêmica desde a graduação. Pela orientação segura sem perder a leveza, por ser calmaria em meios às minhas tempestades. Sem sua orientação, conversas e conselhos eu não teria chegado até aqui. Esses anos de convivência só reforçam a minha admiração pela profissional e pessoa que é;

Ao Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes, por ser presença constante na minha vida acadêmica, pelas valiosas contribuições durante o Exame de Qualificação e por aceitar contribuir também no Exame de Defesa;

Ao Prof. Dr. Eduardo Penhavel de Souza, por aceitar tão gentilmente o convite para participar da minha banca de Defesa;

À Prof. Dra. Taísa Peres de Oliveira, pelos ricos apontamentos e questionamentos durante o Exame de Qualificação;

À minha mãe Margarete, por sempre apoiar meus sonhos e vibrar comigo a cada vitória, acreditando mais em mim do que eu mesma acreditei em muitos momentos. Por ser paz e rezar por mim todos os dias. É a mulher mais incrível e forte que eu conheço. Teu colo sempre será o meu lugar favorito. Luz da minha vida, amo você.

Aos meus irmãos, Bruno e Rafaela, por estarem sempre presentes em minha vida. Cada um com sua personalidade completam o meu ser. Obrigada por cada conversa, cada palavra de incentivo e por serem os melhores irmãos que eu poderia ter. Eu sou muito mais feliz porque tenho vocês. Amo vocês incondicionalmente.

À minha tia, Maria Irene, minha segunda mãe, por me acolher e estar presente em todos os momentos. Pelo chimarrão no final da tarde, pelas orações e por todo o amor e carinho que me dá;

Ao Thiago, meu amor, por estar comigo em todos os momentos dessa jornada, me incentivando, apoiando minhas decisões e entendendo minhas ausências. Obrigada por ser meu equilíbrio e lugar de paz nos momentos de angústia e incerteza;

À Andreza Rogeri, Julia Oslei e Renata Gondin, amigas que nasceram na pós-graduação e que serão levadas para a vida. Por serem amigas nas quais sempre pude confiar,

pela disponibilidade, pelas histórias e risadas. Nossas conversas e desabafos tornaram a jornada mais leve;

Aos meus amigos mais próximos, Adriana, João Vitor, Valéria, Alcides Eduardo e Brunela, por muitas vezes ajudarem a tirar o peso desta pesquisa com risadas e momentos inesquecíveis. Pela companhia, carinho e amor e por entenderem minha ausência em muitos momentos;

À Capes, pela bolsa de estudos

Meus agradecimentos!

## RESUMO

REGINATTO, Sabrina. **Um estudo de [vai saber] no português em perspectiva construcional**. Dissertação (Mestrado, Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas. 2023.

O presente trabalho centra-se na análise da construção [vai saber], considerando seus diferentes usos e atribuindo especial atenção àquele que se mostra como Marcador Discursivo. Considerando os pressupostos gerais da corrente funcionalista de estudos da linguagem, a vertente denominada Modelos Baseados no Uso (BYBEE, 2016) e a Gramática de Construções, assume-se, nesse trabalho, que a forma básica de análise da língua é a construção, considerada um pareamento simbólico de uma estrutura com seu significado. O objetivo principal da dissertação é descrever a interação de três usos de *vai saber*: perífrase com significado de futuridade, marcador dubitativo e Marcador Discursivo, frisando traços desse último. Para isso, nos baseamos nos conceitos de construcionalização de Traugott e Trousdale (2021) e, no que tange o estudo de Marcadores Discursivos, recorreremos às pesquisas de Traugott (2021) e de Risso, Silva e Urbano (2006). A fim de caracterizar a construção e descrever os usos de maneira sincrônica, trilhamos caminhos que nos possibilitam: a) mapear as propriedades definidoras das construções: composicionalidade, esquematicidade e produtividade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021; BYBEE, 2016); b) investigar e descrever traços que constituem *vai saber* como um Marcador Discursivo a partir de variáveis definidoras, como as propostas por Risso, Silva e Urbano (2006), em convergência com outras abordagens; e c) verificar a funcionalidade de *vai saber* em diferentes contextos de uso. O estudo adota uma perspectiva sincrônica a partir da análise de dados coletados do segmento Web/Dialetos do Corpus do Português-CP (FEREIRA; DAVIES, 2006). Os resultados mostram que: a) quando perífrase de futuro, *vai saber*, assim como outras expressões semelhantes, pode se conectar com termo, Esco ou proposição. Amparada em uma base verbal ainda preservada, a construção [vai saber]<sub>PERFUT</sub> apresenta sujeito e escopa um elemento simples, um fato ou evento real ou um fato possível; b) em seu uso como marcador dubitativo, [vai saber] já demonstra “restrições”: não há um sujeito e as pistas de força ilocucionária sugerem contorno interrogativo, o que se combina com a escopagem de proposição, mais especificamente, um fato possível e incerto; c) como MD, [vai saber] se relaciona sempre com proposições/fatos possíveis, cuja realização é incerta. Essa tendência ao não factual se coaduna à total inexistência de sujeito, à desconexão sintática e a questões relacionadas à força ilocucionária. A presença desses diferentes usos na língua, calcados em divergências formais e funcionais, evidencia, sincronicamente, mudanças construcionais em [vai saber].

**PALAVRAS-CHAVE:** perífrase de futuro; marcadores discursivos; mudanças construcionais.

## ABSTRACT

REGINATTO, Sabrina. **A study of [vai saber] in Portuguese from a constructional perspective.** Dissertação (Mestrado, Estudos Linguísticos). Programa de Pós- Graduação em Letras. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas. 2023.

This work focuses on micro construction [vai saber], considering its different uses and attributing special attention to its function as a Discourse Marker. Considering the general assumptions of the functionalist current of language studies, especially the Use-Based Models (Bybee, 2016) and Construction Grammar, it is assumed, in this work, that the basic form of language analysis is construction, considered a symbolic pairing of a structure with its meaning. The main objective of the research is to describe the interaction of three uses of [vai saber]: future periphrasis, doubtful marker and discursive marker, emphasizing features of the latter. For this, we base our analysis on the constructionalization concepts of Traugott and Trousdale (2021) and, regarding the study of Discourse Markers, we based on Traugott (2021) research and Risso, Silva and Urbano (2006). In order to characterize the construction and describe the possible uses in a synchronic way, we will explore ways that allow us to: a) map the defining properties of constructions: compositionality, schematicity and productivity (Traugott; Trousdale, 2021; Bybee, 2016); b) investigate and describe traits that constitute [vai saber] as a discourse marker from parameters, such as those proposed by Risso, Silva and Urbano (2006), in convergence with other approaches; and, c) verify the functionality of [vai saber] in different contexts of use. The study adopts a synchronic perspective based on the analysis of data collected from the Web/Dialects section of the CP-Portuguese *Corpus* (Ferreira; Davies, 2006). The results show that: a) when periphrasing, [vai saber], as well as other similar expressions, can connect term, state-of-affairs or proposition. Supported by a still preserved verbal base, the construction [vai saber]<sub>PERFUT</sub> presents a subject and scopes a simple element, a real fact or event, or a possible fact; b) in its use as a dubious marker, [vai saber] already demonstrates “restrictions”: there is no subject and the illocutionary force cues suggest an interrogative contour, which combines with the scope of proposition, specifically, a possible fact and uncertain; c) as a DM, [vai saber] it always relates to possible propositions/facts, whose realization is uncertain. This tendency towards the non-factual is consistent with the total non-existence of the subject, syntactic disconnection and issues related to illocutionary force. The presence of these different uses in the language, based on formal and functional divergences between them, evidences synchronously a process of constructional change in [vai saber].

**KEY-WORDS:** future periphrasis, discourse markers, constructional changes.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Os dois eixos da categorização .....	233
<b>Figura 2.</b> Representação da Construção .....	29
<b>Figura 3.</b> Uma pequena rede conceitual.....	31
<b>Figura 4.</b> Gradiência das relações hierárquicas entre construções .....	33
<b>Figura 5.</b> Neoanálise de <i>a lot of</i> .....	39
<b>Figura 6.</b> Taxonomia dos Marcadores Pragmáticos.....	498

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Variáveis definidoras de Marcadores Discursivos .....	45
<b>Tabela 2.</b> Constituição do Corpus do Português.....	53

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. A ABORDAGEM COGNITIVO FUNCIONAL PARA O TRATAMENTO DOS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS.....</b>	<b>16</b>
1.1. Os Modelos Baseados no Uso.....	16
1.1.1. Processos Cognitivos de Domínio Geral .....	21
1.2. A Gramática de Construções.....	26
1.2.1. O Conceito de Construção .....	28
1.2.2. A ideia de Rede .....	30
1.3. Propriedades da Construção: esquematicidade, produtividade e composicionalidade .....	32
1.3.1. Esquematicidade.....	32
1.3.2. Produtividade .....	34
1.3.3. Composicionalidade .....	35
1.4. Mudança Linguística sob a perspectiva Construcional .....	36
<b>2. MARCADORES DISCURSIVOS.....</b>	<b>40</b>
2.1. As Diferentes Abordagens .....	40
2.2. O Conceito de Marcador Discursivo na Perspectiva da Linguística Textual-Interativa .....	42
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>53</b>
3.1. Caracterização e Constituição do <i>Corpus</i> .....	53
3.2. Parâmetros de Análise .....	55
<b>4. [VAI SABER] NO PORTUGUÊS: INTERAÇÃO ENTRE DIFERENTES USOS</b>	
4.1. Relação modo-temporal dos verbos sob o escopo da construção [vai saber] .....	59
4.2. Unidade Encaixada ou Escopada pela Construção.....	62
4.3. Força Ilocucionária .....	66
4.4. Manifestação do Sujeito.....	70
4.5. Material Interveniente.....	74
4.6. Posição da Construção em Relação à Oração .....	76

4.7.	Transparência Semântica .....	78
4.8.	Pistas Prosódicas .....	82
4.9.	Uma rede de MDs.....	83

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>86</b>
-----------------------------------	-----------

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>89</b>
--------------------------	-----------

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação se sustenta nas teorias funcionalistas, para as quais a língua é concebida como um instrumento maleável de interação social sujeita a influências externas ao sistema linguístico, as quais têm reflexos na sua estrutura gramatical e lexical (MARTELOTTA; KENEDY, 2015). Alinhamos, para o desenvolvimento deste trabalho, duas abordagens principais: a) pressupostos mais gerais de teorias que se identificam com as correntes funcionalistas da linguagem (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; DIK, 1997; BYBEE, 2016; entre outros), e b) conceitos relacionados a teorias cognitivistas, os quais desembocam na chamada Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006, 2013; CROFT, 2001, 2007), o cruzamento teórico gera uma vertente denominada Modelos Baseados no Uso (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2016).

A Gramática de Construções (GC, daqui em diante) tem como princípio fundamental que a língua se constitui em um sistema simbólico de pares de forma e significado – as construções – tomando-as como a unidade básica de análise (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2007). De maneira ainda mais específica, tomamos os conceitos da abordagem construcional de mudança linguística (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021), para a qual mudanças – que são passíveis de ocorrer tanto no plano da forma, quanto no plano do significado – podem levar à construcionalização – que consiste na formação de um novo pareamento de forma e significado.

É nesse cenário que a presente dissertação se desenvolve, estabelecendo como objeto de pesquisa a construção *vai saber*. Analisamos as várias faces das construções, em busca de caracterizá-la como um Marcador Discursivo (RISSO; SILVA; URBANO, 2006; TRAUGOTT; 2021). Para tanto, nos interessa discorrer, principalmente, sobre três principais construções que atuam de maneiras distintas e relevantes para essa pesquisa: *vai saber* perífrase de futuridade, *vai saber* marcador dubitativo e *vai saber* marcador discursivo (doravante [vai saber] PERFUT, [vai saber] MARCDUB e [vai saber] MD.)

A perífrase [vai saber] é composta por um verbo auxiliar (*ir*) conjugado em terceira pessoa e um verbo principal (*saber*), no infinitivo. Para além do comportamento perifrástico, é possível vislumbrar também seu emprego como V1 e V2, caso em que os verbos têm seus significados lexicais conservados, plenos. É o que vemos abaixo:

- (1) Desde quarta-feira, ele **vai** na prefeitura **saber** se saiu o dinheiro e não tem nada na conta. Hoje pagou o dinheiro de alguns, mas o dele não constava. (Comentário de internauta no Facebook)
- (2) Olha, **fui** no INSS **saber** o porquê estava tendo alguns descontos no meu salário. (Comentário de internauta em [www.reclameaqui.com.br](http://www.reclameaqui.com.br))

Observa-se que, nesse tipo de uso, os dois verbos mantêm possibilidades de receber flexões, bem como de exigir complementos. Ainda, seus significados são bem específicos: de movimento e deslocamento no espaço, para o V1, e de tomada de conhecimento, para o V2. Esse pode ter sido um estágio anterior ao momento em que [vai saber] se revestiu do sentido de futuridade, expressando um deslocamento no tempo. Em nossa dissertação, observamos *vai saber* a partir do ponto em que atua como expressão de futuro, ou seja, já com comportamento de perífrase. A título de ilustração, vejamos a ocorrência a seguir:

- (3) Analise os pontos em comum que vocês têm, se costumam fazer as mesmas coisas, o que mais te agrada nele, o que mais te irrita, se é amor mesmo, amizade ou só uma forte atração. Vai ser difícil e pode demorar, mas, no fundo, você **vai saber** quem é a pessoa certa pra você. ([atrevida.uol.com.br](http://atrevida.uol.com.br))

A forma em destaque mostra o funcionamento da construção rotinizada entre os falantes como uma das formas de marcação de futuro no português, “equivalente” a *saberá*. Sintaticamente, a construção desempenha uma função essencial na oração e exige sujeito e complemento (objeto direto ou uma oração completiva). O verbo auxiliar *ir*, conjugado na terceira pessoa no singular, carrega a marcação temporal e o verbo principal *saber*, no infinitivo, porta a ideia de conhecimento, habilidade, entre outras nuances a depender do contexto.

Em outros usos da mesma perífrase, nota-se enfraquecimento de seu potencial de marcação de futuro, e a expressão como um todo parece se abstratizar e sofrer alterações de forma e de sentido:

- (4) Também curtimos o famoso banho de lama, muito divertido! A tal lama tem “poderes” cosmético/ medicinais. **Vai saber se** tem mesmo... mas que eu já comprei muita máscara facial e corporal exatamente como aquela lama isso já. ([catalogodeviagens.net](http://catalogodeviagens.net))

- (5) O maior problema atual para o público em minha opinião é muita repetição. Repete demais... E para eles obviamente é achar público, receita e \$... Visto que o público maior gosta é de som ruim, não sei se o destino para ficar economicamente viável é só passar som tosco, ou se reconquistando o público que gosta de música mais seletiva, porém que são minorias, é a direção correta... vai saber... Mas que é triste ver isso é, porque eu já conheci muita banda boa na MTV desde a minha adolescência e até hoje continuo conhecendo bandas boas lá – fato. ([exorbeo.com](http://exorbeo.com))

Em (4) e (5), as formas destacadas mostram, respectivamente, a perda de sujeito, a mudança na significação da construção, que passa a instaurar dúvida e, por fim, o completo desgarramento sintático da construção das orações do entorno. Nessas ocorrências, o verbo *ir* perde a noção de marca de futuridade e a construção, como um todo significativo, adquire significados mais subjetivos, voltados à organização da interação entre os falantes, revestindo-se de modalização, marcação de incerteza, hipotetização, entre outros valores. Em (5), nota-se que a expressão perde o status de unidade com função essencial à organização da sentença e passa a atuar como um parêntese (THOMPSON; MULAC, 1991; JUBRAN, 2006), ganhando maior liberdade sintática. Da mesma forma, no campo do significado observa-se uma abstratização (BYBEE, 2006), perdendo-se a noção de marcador de futuro, passando a atuar no nível de organização do discurso. Ao atuar como organizadora do discurso, a construção *vai saber* pode ser percebida como um Marcador Discursivo (doravante MD).

Os MDs constituem uma classe de elementos de natureza variada com funções pragmáticas importantes para o funcionamento de uma língua. Trata-se, segundo os postulados de Risso, Silva e Urbano (2006), de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Sendo assim, acreditamos que a construção *vai saber* pode atuar também no processamento do discurso, ou seja, como um conjunto de atividades linguísticas e cognitivas efetuadas pelos interlocutores para construir ou reconstruir a significação contextual do discurso (PENHAVEL, 2012).

Com essas informações, tem-se como objetivo geral descrever e discutir aos diversos usos de *vai saber* na língua portuguesa. Com base, principalmente, em algumas variáveis definidoras de MD (RISSO, SILVA E URBANO, 2006), analisamos a construção em diferentes contextos. Além disso, tocando os objetivos específicos, a fim de caracterizar a construção e descrever os possíveis usos de maneira sincrônica, traçamos os seguintes caminhos: a) mapear em *vai saber* as propriedades definidoras das construções: composicionalidade, esquematicidade e produtividade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2016); b)

investigar e descrever traços que constituem *vai saber* como um marcador discursivo a partir de variáveis definidoras, como as propostas por Risso, Silva e Urbano (2006), em interação com outras abordagens; e c) verificar a funcionalidade de *vai saber* em diferentes contextos de uso, abarcando as três funções esboçadas acima.

Dentro da área investigativa, que toma conceitos de gramática e língua como indissociáveis ao estatuto do uso, a presente pesquisa visa integrar e cooperar com o conjunto de estudos que vem se desenvolvendo acerca de marcadores discursivos de base verbal, como se observa em Robuste (2018), que discute a construcionalização de construções [*vI + ver*](por ex. *vamos ver*) com valor (inter)subjetivo especializado na função de MD e Sambrana (2017), que investiga o padrão construcional responsável pela formação dos marcadores discursivos de base verbal perceptivo-visual *olhar* e *ver*, no português brasileiro do século XX. Dessa maneira, partindo de tal referencial, este trabalho desenvolve-se com o intuito de estender os conhecimentos em torno de fenômenos linguísticos envolvendo a produção de MDs de base verbal.

A dissertação está dividida em quatro seções. Na primeira seção apresentamos o referencial teórico a partir da descrição da relação entre funcionalismo e linguística cognitiva e da forma como a língua e as mudanças linguísticas são tratadas nesse viés. A subseção 1.1 apresenta os Modelos Baseados no Uso (MBU) para o tratamento dos fenômenos linguístico sobre a abordagem. Ainda nessa seção, explanamos sobre a Gramática de Construções e o conceito de construção (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001) somado à ideia da representação linguística em rede e o tratamento das mudanças linguísticas sob a perspectiva construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021). Na seção 2 tratamos sobre os Marcadores Discursivos (MD), apresentando de forma mais breve algumas das abordagens pra o tratamento desse fenômeno, com foco, principalmente, na Linguística Textual-Interativa (RISSO, et al, 2006) que os define como um grupo amplo e de constituição bastante diversificada, de categoria pragmática bastante consolidado no funcionamento da linguagem e, apresenta alguns parâmetros definidores dessa classe e que nos serviram para a caracterização da construção estudada nesta pesquisa. Na seção 3, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, os quais incluem a descrição do corpus que serviu de base para a busca de ocorrências reais da língua e o descritivo dos parâmetros de análise considerados para as discussões envolvendo a construção. A seção 4 está voltada para a análise sincrônica dos dados coletados. Por questões de organização, optamos por realizar as discussões separando-as por parâmetros de análise, assim foi possível a comparação entre os diferentes

contextos de uso e modos de atuação da construção. Finalmente, com base nas discussões e análise sincrônica dos dados, na seção 5, encontram-se as considerações finais da pesquisa, seguidas das referências.

## **1. A ABORDAGEM COGNITIVO FUNCIONAL PARA O TRATAMENTO DOS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS**

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teóricos que guiam o desenvolvimento dessa dissertação. O primeiro versa sobre a visão de língua que adotamos, como um instrumento de interação, suscetível às necessidades do uso e que deve ser estudada a partir de contextos reais. Nosso estudo se ampara em campos teóricos que, embora não idênticos, coadunam-se em vários pontos: a Linguística Funcional (LF, doravante), a Linguística Cognitiva (LC) e a os Modelos Baseados no Uso (MBU), ou linguística baseada no uso. Juntas, essas teorias, nos dias de hoje, ensinam que se adote, como unidade de análise, a construção (GOLDBERG, 1995, 2006, CROFT, 2001, TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, 2021).

Inicialmente, dissertamos sobre algumas questões relacionadas ao surgimento dos MBU, possíveis, em grande medida, pela conexão entre a LF e a LC. Em seguida, apresentamos os processos de domínio geral que, conforme (BYBEE, 2016) subjazem às estruturas da língua. Por fim, abordamos os postulados da Gramática de Construções (CG) (Goldberg, 1995; Croft, 2001) que elucidam e caracterizam as construções, aliados a explicações sobre sua gênese (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), compondo, assim, a perspectiva construcional que adotamos para o tratamento da mudança que buscamos discutir, com especial atenção à microconstrução [vai saber]<sub>MD</sub>.

### **1.1. Os Modelos Baseados no Uso**

Um dos aspectos que as teorias linguísticas funcionalistas têm em comum é a concepção de língua. As correntes teóricas que estudam a língua por um viés funcional a concebem como um instrumento de interação social que, portanto, não pode ser analisado de maneira autônoma, mas como uma estrutura sujeita a influências externas ao sistema linguístico (MARTELOTA; KENEDY, 2015). Dentre os autores que defendem uma abordagem baseada no uso e advogam sobre a característica de que a língua possui, concomitantemente, regularidade e variação, estão Langacker (1987), Barlow e Kemmer (2001) e Bybee (2000; 2010).

O modelo de análise linguística baseada no uso viabiliza a conexão entre a produção e interpretação de enunciados e os processos cognitivos de domínio geral. Diferentes modelos como o observado em Langacker (1987; 2000; 2008), o modelo desenvolvido por Bybee (2000; 2003, 2010, 2012), por Barlow (1998; 2000), entre outros, permitem uma descrição linguística mais voltada ao uso que os falantes fazem da língua. Esse tipo de descrição preocupa-se com

fatos como: de que maneira a estrutura linguística é afetada pelo uso; como a frequência de uso, a mudança e a variação correspondem a uma representação cognitiva mais geral do conhecimento do falante; e, como processos cognitivos de domínio geral podem afetar a convencionalização de estruturas na linguagem (BYBEE; BECKNER, 2010, p. 827 – 828).

Em Bybee (2016), vê-se que o entendimento de que as estruturas linguísticas podem ser originadas e, portanto, explicadas a partir de processos cognitivos de domínio geral, o que permite que a gramática seja “pensada como uma organização cognitiva de experiências com a língua” (p.28). Com base na consideração de que a estrutura da língua é moldada na experiência e de que advém de processos cognitivos de domínio geral, ou seja, que não constituem apenas o conhecimento linguístico, mas saberes de várias naturezas, passa-se a investigar os usos e a forma como eles moldam as formas da língua, ponto que constitui uma aproximação teórica forte entre o Funcionalismo e Cognitivismo.

A LF descreve a língua, primeiramente, como um instrumento de interação social. Dessa forma, as pesquisas que se valem desse viés teórico têm como característica principal a análise e explicação dos fatos linguísticos a partir do “contexto linguístico e da situação extralinguística” (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 163). De acordo com essa concepção, para que se possa entender o funcionamento e a configuração de uma língua, o estudo do discurso e da gramática deve ocorrer de forma simultânea. Compreende-se a gramática como “uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso ao qual se molda”, (BISPO; FURTADO DA CUNHA; SILVA, 2013, p.14). Ou seja, a gramática tem a forma que tem em razão das estratégias utilizadas pelos falantes no momento da interação discursiva, portanto, as análises devem se basear em situações concretas de comunicação.

O rol de autores e trabalhos que se convencionalizou chamar de funcionalismo norte-americano alcançou projeção a partir da década de 1970, com a propagação de inúmeras possibilidades de abordagem linguística. Essa corrente surgiu, segundo Furtado da Cunha (2011), como uma reação às impropriedades constatadas nas pesquisas estruturalistas e gerativistas, ambas de cunho estritamente formal. Ao contrário de teorias que priorizam a forma, o funcionalismo, em geral, defende que “uma dada estrutura da língua não pode ser proveitosamente estudada, descrita ou explicada sem referência à sua função comunicativa” (p.163). Desse modo, para estudar e compreender os fenômenos linguísticos é preciso estudá-los em contextos discursivos específicos, uma vez que, esse é o lugar em que a gramática se constitui.

A LC, que também surge a partir da década de 1970, reúne uma série de teorias sobre a linguagem com foco em questões sintáticas ou semânticas deixadas de fora, sobretudo, pelo

modelo gerativo. De acordo com Martelotta (2011), a LC coloca os usuários no centro da construção do significado. Assim, o fenômeno da significação não pode ser estudado sem a inclusão dos participantes do ato comunicativo: falantes e ouvintes. O falante não é visto como um operador de regras preestabelecidas, mas como um produtor de significados em diferentes situações de uso da língua.

A LC entende “o comportamento linguístico como reflexo de capacidades cognitivas” (BISPO; FURTADO DA CUNHA; SILVA, 2013, p.14), em outras palavras, a linguagem não constitui um componente autônomo na mente humana e não é independente de outras faculdades mentais. Todo o conhecimento linguístico é baseado nas experiências que temos com a língua, as categorias linguísticas são baseadas no uso que fazemos das construções no mundo real, enquanto seres sociais, da mesma forma que as categorias pelas quais classificamos objetos são baseadas na nossa experiência de mundo. Nesse sentido, as construções linguísticas se configuram “como esquemas cognitivos do mesmo tipo que encontramos em outras habilidades não linguísticas” (p. 14).

A aproximação entre LF e a LC foi possível pelo compartilhamento de vários pressupostos teórico-metodológicos, dentre os quais Bispo *et al* (2013) destacam:

[...] a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural [...] (Bispo; Furtado Da Cunha; Silva, 2013, P. 14)

Diante de tal compartilhamento teórico, podemos afirmar, com base em Traugott (2004), que a vertente cognitivo-funcional compreende a gramática como produto da estruturação de fatores cognitivos e comunicativos da língua. Logo, a gramática de uma língua é constituída tanto de padrões tidos como mais regulares quanto de formas emergentes, em virtude da atuação desses fatores.

Avançando na sustentação teórica de nossa pesquisa, é importante mencionar os postulados da Gramática de Construção na perspectiva de Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Bybee (2015, 2016) e Traugott e Trousdale (2013). Os MBU entendem que a língua é uma estrutura em constante adaptação e mutação em consequência das necessidades comunicativas e cognitivas de seus usuários. Dessa maneira, podemos afirmar que se adota um olhar cognitivo-funcional quando reconhece o estatuto essencial das funções da língua nas análises e descrições,

considerando que “as categorias linguísticas se comportam como categorias conceituais humanas” (BISPO; FURTADO DA CUNHA; SILVA, 2013, p.16).

Conforme Barlow e Kemmer (2001), os MBU assumem de maneira mais direta a existência de uma estreita relação entre os eventos experienciados pelos falantes e a representação abstrata da gramática. Nesse sentido, os autores reuniram algumas propriedades que são comuns a todos os modelos baseados no uso e que explicitam a relação entre a estrutura e o uso, conforme se apresenta a seguir.

- a) *A importância da frequência de uso* trata das experiências que o falante adquire a partir de padrões específicos de uso. A alta frequência de uso de um determinado padrão é resultado de força de moldagem do sistema, uma vez que o modo de processamento de uma unidade linguística é modificado pela rotinização cognitiva.
- b) *A importância do uso e a sua íntima relação com as estruturas linguísticas* na constituição e descrição da teoria. Os modelos defendem que a estrutura da língua se convencionaliza a partir dos eventos reais de comunicação, ou seja, é pelo uso que os falantes fazem da língua que o sistema linguístico se molda.
- c) *A compreensão e produção integradas ao sistema linguístico* indicam que as operações mentais de processamento da linguagem dos falantes – como a habilidade tanto de produzir como de compreender enunciados – não devem ser separadas do entendimento mais geral sobre o sistema linguístico. Como a formação e o funcionamento do sistema linguístico interno são regidos pelo uso, a estruturação desse sistema e os atos de processamento mental não são separados, indicando que a performance é parte da competência.
- d) *Foco nas experiências de aquisição linguística e no papel da aprendizagem* discute a noção de que produção e compreensão linguísticas são importantes para a aquisição da linguagem. Em seu trabalho de 2003, Tomasello identifica que crianças adquirem primeiro construções mais concretas, substanciadas nas experiências de uso que participa, principalmente, com adultos e, só depois de fixarem essas estruturas, é que passam a compreender abstrações e esquemas mais gerais.
- e) *As representações linguísticas como emergentes* rejeitam a visão do modelo gerativo de que as unidades linguísticas são estocadas na mente para alimentar as regras mais gerais da gramática. Os modelos baseados no uso defendem que a estrutura é emergente, pois tem origem a partir de uma rotinização cognitiva. Por

isso, também, a utilização de dados do uso real na descrição teórica é de suma importância.

- f) *A íntima relação entre uso, variação sincrônica e mudança diacrônica* se valida pelo fato de o sistema linguístico ser sempre emergente. Entende-se que a mesma pressão que atua na sincronia atua também na diacronia. O uso da língua é o lócus da mudança, que afeta atos de percepção e de produção. As motivações no uso operam mudanças sutis na diacronia, esses efeitos, porém, são cumulativos ao longo do tempo; assim, espera-se que padrões de uso sincrônico e mudança diacrônica sejam semelhantes.
- g) *A interconexão do sistema linguístico com os sistemas cognitivos não linguísticos* advoga que os sistemas cognitivos gerais têm relação direta não só com o sistema linguístico como também com a natureza da linguagem. Bybee (2016) reúne um conjunto de processos de domínio geral que contribuem para a observância dos movimentos que criam as estruturas linguísticas e tratam a natureza da linguagem como emergente de processos básicos como categorização, *chunking*, analogia, entre outros que serão discutidos a diante.
- h) *O papel crucial do contexto no funcionamento do sistema linguístico* é outro fator importante levantado por Barlow e Kemmer (2001) e reforça o entendimento de que o contexto tem um papel crucial no funcionamento do sistema linguístico. Aspectos regulares do contexto tornam-se convencionalizados e passam a integrar o sistema linguístico em si. Há sempre interação complexa entre as representações cognitivas – abstraídas de experiências similares contextualizadas – e fatores contextuais na situação imediata de uso. Contextos sociais, por exemplo, podem levar à mudança ou variação de formas linguísticas, como a questão do prestígio, discutidos profundamente nas pesquisas sociolinguísticas.

De maneira geral, esses pressupostos situam a linguagem em um contexto mais amplo do comportamento humano e conectam o uso da língua a processamentos cognitivos, ou seja, as teorias filiadas à LCU visam alcançar os processos de domínio geral que fazem surgir as estruturas linguísticas (BYBEE, 2016).

De acordo com Barlow e Kemmer (2000), modelos com essa inclinação admitem mais claramente a existência de uma relação direta entre as experiências vividas pelo falante e a representação abstrata da gramática. Na mesma linha, Bispo, Furtado da Cunha e Silva (2013), alicerçados em Ford *et al* (2003) e Dubois (2003) compreendem gramática como:

(...) um conjunto de esquemas/processos simbólicos utilizados na produção e organização de discurso coerente. Desse modo, configura-se em categorias morfosintáticas rotinizadas, exibindo padrões funcionais mais regulares e formas alternativas em processo de mudança motivada por fatores cognitivo-interacionais. Nesse sentido, gramática e discurso estão intrinsecamente entrelaçados e coatuam em mútua dependência, sendo um (re)modelado pelo outro. (Bispo, Furtado Da Cunha E Silva, 2013, p. 20).

Partindo dos pressupostos defendidos pelos MBU, a análise linguística proposta nessa dissertação, seguindo os moldes de Bybee (2016), entende a língua como um sistema adaptativo complexo. Dentro dessa visão, então, admitimos que o uso seja o responsável tanto pela manutenção do sistema linguístico, como pelas atualizações que nele ocorrem e, portanto, padrões linguísticos como o que se apresentam em [vai saber] são moldados no e pelo contexto de uso.

Conforme mencionado anteriormente, fatores de ordem cognitiva são relevantes para as análises, discussões e para a investigação do fenômeno de mudança linguística propostas nessa pesquisa. Portanto, a próxima seção dedica-se a explanação de processos de domínio geral que contribuem para o entendimento de alguns aspectos da língua como um sistema adaptativo.

#### 1.1.1. Processos cognitivos de domínio geral

As abordagens alinhadas com a vertente cognitivo-funcional visam, de maneira geral, alcançar os processos que geram as estruturas linguísticas para além de processos específicos à linguagem. Em outras palavras, busca alcançar os processos de domínio geral que fazem surgir a estrutura da língua (BYBEE, 2016).

Dedicamos esta seção à discussão e apresentação de alguns dos processos cognitivos de domínio geral que auxiliam no entendimento da natureza emergente da linguagem, dentre os quais se destacam: a) *categorização*; b) *chunking*; c) *memória enriquecida* e d) *analogia* (BYBE, 2016). Eles são reconhecidos como processos cognitivos de domínio geral porque não são acionados pelos seres humanos apenas para o manejo da língua, mas para fazer funcionar uma série de atividades e habilidades de seu mundo biossocial.

A *categorização* é o processo mais básico da cognição, uma vez que é uma operação mental automática inerente à experiência humana em que o cérebro organiza em categorias os eventos e objetos. Essa organização, segundo Lakoff (1987), está relacionada ao ambiente em que vivemos (o mundo físico e fatores socioculturais). Isso significa que categorizamos coisas, pessoas, eventos, relações, entre outras, a partir da presença ou ausência de traços mais ou

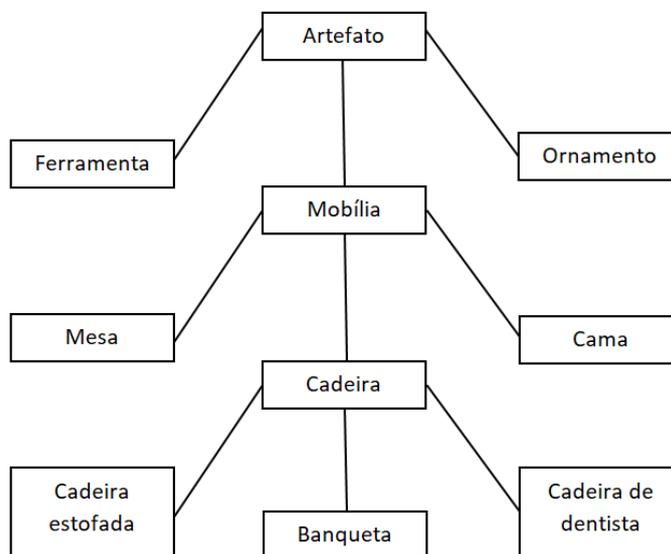
menos gerais. A categorização é um processo cognitivo de domínio geral no sentido de que categorias são criadas com base na experiência humana, independentemente da língua. No domínio linguístico, por sua vez, a categorização diz respeito à semelhança que ocorre quando palavras e/ou sintagmas e suas partes componentes são reconhecidas e associadas a representações armazenadas na mente do falante. Desse processo, conforme Bybee (2016) resultam fonemas, morfemas, itens lexicais, sintagmas ou construções, que são a base do sistema linguístico.

O aparato cognitivo humano possui a capacidade de categorizar ou criar categorias automaticamente e quase o tempo todo (TAYLOR, 1995; BYBEE, 2016). Assim, os seres humanos têm a capacidade de agrupar construções linguísticas que compartilham similaridades, como: nomes, expressões que indicam ação ou atributos, entre outros. As categorias são reconhecidas e associadas a termos representados e armazenados na mente do falante. Assim a categorização está relacionada à capacidade do ser humano de agrupar e armazenar um grupo de objetos (ou construções linguísticas) em termos de categoria. Está em Taylor (1995) que um elemento pode pertencer a uma categoria a partir do momento em que exibe, em maior ou menor medida, atributos do exemplar prototípico dessa categoria. A ideia central do autor é a categorização por protótipos que explica, por exemplo, que o que diferencia uma xícara de uma bacia é um conjunto de atributos que esses objetos compartilham ou não. Esses dois objetos se diferenciam em termos de material, forma, tamanho, modos de uso – a explicação é de que existem alguns atributos que são mais comuns às xícaras (ter alça, ser de porcelana ou vidro, ser usada para tomar chá ou café, entre outras). Assim, um recipiente sem alça, de plástico pode ser usado para tomar café e ser uma espécie de xícara, mas não um exemplar prototípico (p. 42).

A proposta de se pensar as categorias em termos de protótipos permite a organização dos membros de uma categoria numa escala de prototipicidade. Essa gradiência leva, conforme Taylor (1995), ao pensamento de que existem termos mais protótipos e mais marginais. Em termos linguísticos, essa perspectiva possibilita que o tratamento dado aos fenômenos linguísticos seja escalar e contínuo, de forma que diversos membros possam ser agrupados na mesma categoria – do mais prototípico ao mais periférico – de acordo com os traços que apresentam.

Conforme advoga Taylor (1995, p. 46), a diferença entre os membros de uma categoria é representada pelo eixo horizontal enquanto a subordinação ou não de uma categoria em relação à outra é dada pelo eixo vertical.

**Figura 1.** Os dois eixos da categorização



**Fonte:** Adaptado de Taylor (1995, p. 47)

Percebemos, na figura 1, que a categoria *cadeira* é subordinada à categoria superior *móveis* que, por sua vez, é subordinada à categoria *artefato*. Já a *banqueta* é um membro subordinado à categoria *cadeira*. Esses diferentes níveis de categorização aparecem no eixo vertical. O eixo horizontal representa as categorias contrastantes que estão incluídas na próxima categoria mais alta. Assim, *ferramenta*, *móvel* e *ornamento* são todos exemplos de *artefato*; *mesa*, *cadeira* e *cama* são instâncias de *móvel*, enquanto *cadeira estofada*, *banqueta* e *cadeira de dentista* são instâncias de *cadeira*.

Embora as categorias constituam relações de subordinação diferentes, há uma categoria mais básica que “é cognitivamente e linguisticamente mais saliente do que outras” (TAYLOR, 1995, p. 48). Os diferentes níveis das categorias são igualmente importantes para a cognição humana. Porém, existem alguns níveis que são mais ideais do que outros em termos de economia linguística, pois nos fornecem a informação certa no momento certo. Por exemplo, observe a hierarquia proposta por Ibarretxe-Antuñano e Vanzela (2012):

(a) *ANIMAL* > *MAMÍFERO* > *CANINO* > *CACHORRO* > *TERRIER* > *FOX TERRIER*  
(IBARRETXE-ANTUÑANO; VANZELA, 2012, p. 54).

Imagine que estamos na rua e alguém nos alerta:

- (6) a. *Cuidado com o animal;*
- b. *Cuidado com o cachorro;*
- c. *Cuidado com o fox terrier de pelo liso;*

Nos casos (6a) e (6c), teremos problemas o tempo que levaremos para identificar a causa do perigo será demasiado longo. Em (6a), a informação é tão geral que gastaremos muito tempo processando e tentando identificar de que animal se trata. Da mesma forma, em (6c) a informação é tão específica que quando tivermos identificado todas as características daquela raça de cachorro, já será tarde demais para nos livrarmos do perigo. Entretanto, a informação em (6b) é perfeita para nos avisar que tipo de perigo estamos enfrentando. Este, segundo Ibarretxe-Antuñano e Vanzela (2012), é o nível básico da categorização e “é o mais importante do ponto de vista cognitivo porque é mais eficiente [...], já que com um esforço cognitivo mínimo se obtém uma quantidade importante de informação” (p. 55).

No domínio linguístico, categorizamos a língua do mesmo modo como categorizamos coisas no mundo biofísico, social e cultural. Na categoria substantivo, por exemplo, o membro *gato* apresenta características associadas ao protótipo: pode ser núcleo de um SN, pode ser flexionado em gênero e número, pode ser precedido de um determinante, pode ser acompanhado de um modificador, etc. Por outro lado, o membro *paciência* não exhibe algumas dessas características – não flexiona em gênero e número, por exemplo – afastando-se, assim, do protótipo.

Dito isso, reafirmamos que as categorias linguísticas são criadas ao longo das experiências e a partir de processos semelhantes aos supracitados. Assim, seguindo a mesma linha de um processo de categorização geral, nós, seres humanos, conseguimos categorizar “unidades sonoras, morfemas, palavras, sintagmas ou construções linguísticas” (BYBEE, 2016, p. 26) possuidoras de similaridades como nomes, sequências que indicam ação, entre outras. Essas categorias são reconhecidas e associadas pelos falantes a representações já estocadas. Dessa maneira, para Bybee (2016), a categorização diz respeito à criação de categorias conceptuais a partir das experiências, independentemente da língua. Além disso, esse processo cognitivo ajuda a explicar a língua como um sistema adaptativo complexo.

O *chunking* (entrincheiramento) é tomado, enquanto processo de domínio geral, como uma unidade de organização na memória e ajuda a explicar por que as pessoas se aprimoram em tarefas cognitivas e neuro motoras com a prática e, está atrelado à repetição (BYBEE, 2016, p. 65). Uma ação complexa como dirigir um carro, é uma tarefa difícil no início, pois o motorista

precisa realizar uma série de ações sequenciais, como acelerar, frear, olhar no retrovisor lateral e frontal, acionar as setas que indicam conversão e manusear o volante. Com a rotinização da mesma experiência, essa sequência de ações vai se automatizando até o ponto em que o motorista consegue acessar todas essas ações como se fosse uma única ação simples. Esse processo em que *chunks* menores, como olhar no retrovisor, frear e acelerar, formam um *chunk* maior como dirigir, é chamado de *chunking*.

Do ponto de vista linguístico, esse processo permite a formação de expressões e/ou unidades linguísticas mais complexas que, com o uso, passam a ser embaladas juntas na cognição e são acessadas como unidades mais simples ou unidades significativas independentes. *Chunking* é o processo cognitivo por trás da formação e uso de construções formulaicas ou pré-fabricadas como *dar um tempo* e *Maria vai com as outras* – com a rotinização do uso dessas palavras em sequência em determinados contextos, forma-se uma combinação convencionalizada de uma conceptualização do falante. Devido à rotinização, *dar um tempo* e *Maria vai com as outras* se tornam *chunks* maiores que o falante acessa diretamente, sem dedicar esforço cognitivo em umas de suas partes.

Juntamente com a visão de língua baseada no uso, está o entendimento de que as circunstâncias de uso impactam diretamente a representação cognitiva da língua. Está em Bybee (2016, p.35) a noção de representação por feixes de exemplares que são “representações de memória enriquecida [...] que contêm, ao menos potencialmente, toda a informação que o usuário da língua pode perceber na experiência linguística” (p. 35). Sendo assim, processos como analogia e *chunking* envolvem elementos resultantes das interações com o mundo, armazenados na memória. E é por meio da *memória enriquecida* que os falantes estocam os feixes de exemplares provenientes de suas experiências com a língua desde “detalhes fonéticos, [...] de itens lexicais e construções usadas, de significado, de inferências feitas a partir desse significado e do contexto, e de propriedades do contexto social, físico e linguístico” (BYBEE, 2016, p.35).

Por fim, a *analogia* é um dos principais processos cognitivos envolvidos na formação e mudança das estruturas linguísticas. Bybee (2016) a descreve como um mecanismo que permite aos falantes fazer associações entre formas e significados semelhantes, dessa maneira novos enunciados são criados com base em enunciados de experiências anteriores. Por meio da *analogia*, os falantes podem generalizar regularidades em sua língua e aplicá-las a outros contextos. Isso significa que quando encontra uma nova palavra ou estrutura, o falante usa os conhecimentos prévios para inferir seu significado e/ou forma com base em padrões similares já conhecidos. Durante a aquisição de linguagem, por exemplo, as crianças constroem padrões

de conjugação verbal com base nos padrões mais produtivos, logo, mais presentes na realidade da criança. Assim, por analogia a *comeu*, *desceu* e *bebeu*, a criança produz frases como “O vestido não *cabeu* na minha boneca”.

Na mudança linguística, a analogia permite que as estruturas linguísticas sejam reorganizadas e alteradas gradualmente ao longo do tempo. Quando os falantes encontram uma nova construção podem resgatar formas semelhantes e, por analogia, remodelar o uso daquela construção tornando-a mais consistente e regular. O caso dos neologismos pode ser um bom exemplo. A palavra *sufrência* emergiu como uma condição emocional de alguém que sofre, por analogia a substantivos como *carência* e *paciência*, que remetem àquele que é carente ou aquele que é paciente. Ou seja, a partir de construções já aprendidas, o falante faz associações, podendo formar novas construções e/ou enunciados percebendo as similaridades estruturais e/ou funcionais compartilhadas.

Partindo da compreensão de que os processos cognitivos operam em diversos domínios da cognição humana, incluindo a língua/linguagem, chegamos ao entendimento de que as estruturas linguísticas em diferentes níveis de complexidade estão diretamente associadas às experiências de mundo dos falantes. Os Modelos Baseados no Uso acreditam que tais processos cognitivos cooperam para uma abordagem mais holística de análise e que novas construções emergem a partir de exemplares específicos de construções já experienciadas e estocadas na memória. Diante disso, entendemos que todos os processos, expostos nessa seção, pressupõem a habilidade de associar forma e sentido no uso da língua e ajudam a situar a linguagem no contexto mais amplo do comportamento humano.

## **1.2. A Gramática de Construções**

A maioria dos estudos que adotam a abordagem construcional como perspectiva teórica, assume a construção como unidade básica de análise. A Gramática de Construções é um modelo que, de modo geral, consegue associar as particularidades referentes à intrínseca relação entre a cognição e o sistema linguístico. Abolindo a separação entre léxico e gramática e compreendendo que o surgimento das formas que comporiam ambos se dão pelos mesmos mecanismos, essa teoria parte do princípio de que a língua é um inventário de correlações de forma-significado – as construções e de que a “representação uniforme do conhecimento gramatical da mente do falante se dá sob a forma de construções” (CROFT; CRUSE, 2004, p. 255).

A abordagem construcional tem servido de base para diversas pesquisas que envolvem mudança linguística. Estão em Traugott e Trousdale (2021) os seguintes modelos de CG a partir de uma perspectiva construcional: Gramática de Construções de Berkeley (FILLMORE, 1988; FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; FILLMORE; KAY, 1997); Gramática de Construções Baseada no Signo (BOAS; SANG, 2012); Gramática de Construções Cognitiva (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995; 2006; 2013; CROFT; CRUSE, 2004); Gramática Radical de Construções (CROFT, 2001; 2005) e Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987; 1991; 2005). Todos esses modelos compartilham quatro princípios, sintetizados a seguir:

- (a) A unidade básica da gramática é a construção, um pareamento convencional de forma e significado (cf., p. ex., LAKOFF, 1987; FILLMORE; KAY & O'CONNOR, 1988; GOLDBERG, 1995; 2006).
- (b) A estrutura semântica é mapeada diretamente na estrutura sintática superficial, sem derivações (cf. GOLDBERG, 2002; CULICOVER & JACKENDOFF, 2005).
- (c) A língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e elos entre os nós; as associações entre alguns desses nós tomam a forma de hierarquia de herança (relações taxonômicas que capturam o grau em que propriedades de construções de nível mais baixo são previsíveis a partir de construções mais gerais. Cf., p. ex., LANGACKER, 1987; HUDSON, 1990; 2007).
- (d) A variação translinguística (e dialetal) pode ser explicada de vários modos, incluindo processos cognitivos de domínio geral (cf., p. ex., BYBEE, 2010; GOLDBERG, 2013) e construções específicas da língua (cf., p. ex., CROFT, 2001; HASPELMATH, 2008).

(TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 28)

Além disso, todas as abordagens construcionais entendem que nenhum nível da gramática é autônomo ou 'nuclear', mas todas elas consideram que semântica, morfossintaxe, fonologia e pragmática funcionam juntas em uma construção (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021). Ou seja, a GC fundamenta-se no pressuposto de que todo o conhecimento gramatical presente na mente do falante – desde morfemas, palavras até regras gramaticais mais gerais – pode ser representado como uma construção, tomada como a unidade fundamental de análise. À vista disso, é possível elaborar uma representação uniforme que inclua todo esse conhecimento em uma rede em que tanto aspectos formais quanto funcionais são levados em conta na análise linguística.

### 1.2.1 O conceito de construção

Dentro dos MBUs, a construção é entendida como “uma unidade simbólica convencional” (LANGACKER, 1987; CROFT, 2005) conforme explicam Traugott e Trousdale (2021):

As construções são convencionais porque são compartilhadas por um grupo de falantes. Elas são simbólicas porque são signos, associações tipicamente arbitrárias de forma e significado. E são unidades porque algum aspecto do signo é tão idiossincrático (GOLDBERG, 1995) ou tão frequente (GOLDBERG, 2006) que o signo é fixado como um pareamento forma-significado na mente do usuário da língua. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p.25)

Nessa linha, o conceito de construção que perpassa todos os modelos de análise que se baseiam no uso, assume as seguintes características: (a) constituem um pareamento de forma-significado; (b) são abstraídas das experiências comunicativas em instâncias de uso rotinizadas; (c) abarcam desde estruturas mínimas, como morfemas até estruturas complexas, como padrões oracionais e expressões formulaicas.

As construções são dotadas de significado próprio e conceituadas da seguinte maneira:

C é uma construção se C é um pareamento de forma-significado de modo que algum aspecto de F, ou algum aspecto de S, não seja estritamente previsível a partir das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas.<sup>1</sup> (GOLDBERG, 1995, p. 04).

Autores como Traugott e Trousdale (2021) entendem a construção como um pareamento de forma-significado que pode ser pensado em termos de “várias dimensões, todas elas gradientes” (p. 40), dentre as quais estão tamanho, grau de especificidade fonológica e tipo de conceito. Em relação ao tamanho, as construções podem ser: a) atômicas, como o morfema indicador de plural –s, por exemplo; b) Complexas, que dizem respeito a construções compostas por *chunkings* analisáveis, como é o caso das expressões formulaicas como “*bater as botas*” e, c) intermediárias, que estão entre as atômicas e as complexas e dizem respeito a construções parcialmente analisáveis, formadas a partir de derivação ou sufixação, como ‘*rodopiar*’. O grau de especificidade fonológica tem a ver como o fato de uma construção ser substantiva (totalmente especificada, p. ex. vermelho, -s), esquemática (uma abstração, como o padrão

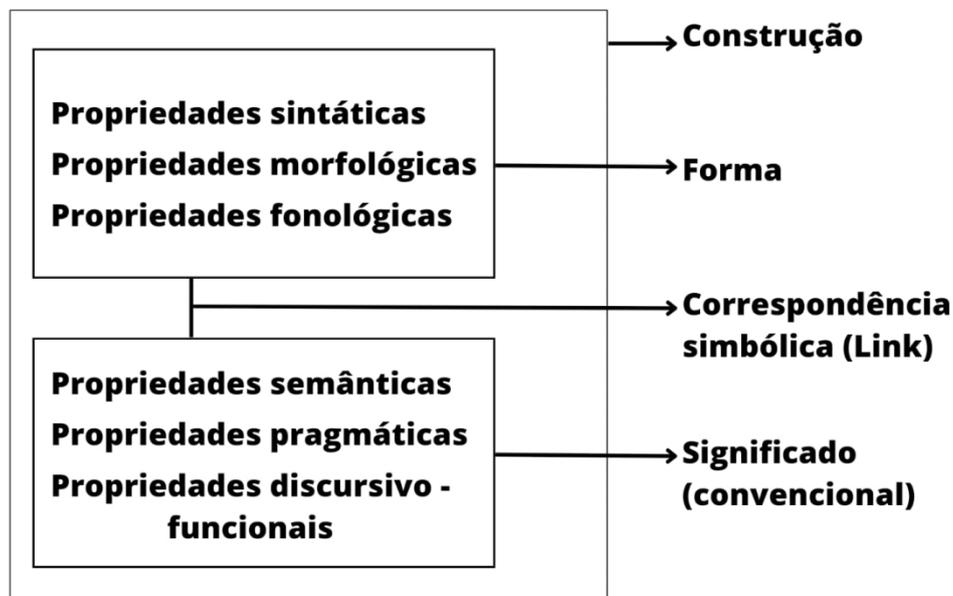
---

<sup>1</sup> Cf. Original: "C is a construction if C is a form-meaning pair such that some aspect of F, or some aspect of S, is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions.

SVO) ou intermediária (partes substantivas e partes esquemáticas, como a construção *um monte de X*). A dimensão de tipo de conceito, por sua vez, trata do fato de uma construção ser de conteúdo (lexical), as quais se associam mais a categorias esquemáticas (como os substantivos, adjetivos e verbos) ou procedural (gramatical) que tem o significado mais abstrato e que sinalizam relações linguísticas, perspectivas e orientações dêiticas. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Dentro da vertente teórica construcional, as construções são consideradas unidades simbólicas, atômicas ou complexas, desde totalmente substantivas até totalmente abstratas. Assim, as construções são “fundamentalmente unidades simbólicas” (CROFT, 2001 p.18) e a figura 01 mostra como o vínculo entre forma e significado é representado:

**Figura 2.** Representação da Construção



**Fonte:** Adaptado de Croft, 2001, p. 18.

Como ilustrado na figura 02, a construção é uma unidade de relações complexas, ou seja, uma unidade de forma-significado convencional (convencional, pois é compartilhada por um grupo de falantes reais) interligada por uma correspondência simbólica. Para Croft (2001), a conexão entre forma e significado se dá por uma série de traços, como a asserção de que o significado de uma construção não equivale à mera soma dos significados de suas partes constituintes e de que, pela alta vinculação sintático-semântica de seus constituintes internos, torna-se impossível a inversão de ordem interna, ou mesmo a incorporação de novos elementos na construção.

As propriedades da forma são designadas ‘elementos’, por Croft (2001) e englobam os sintáticos, morfológicos e fonológicos. As propriedades do significado, por sua vez, são designadas ‘componentes’ e compreendem os semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais. O termo ‘significado’, representa todos os aspectos convencionalizados da função de uma construção, incluindo as propriedades da situação de escrita, do discurso e da situação pragmática entre os locutores. O autor explica que existe um elo simbólico que liga os elementos aos componentes, e ainda, há um elo que une toda a estrutura.

### 1.2.2 A ideia de rede

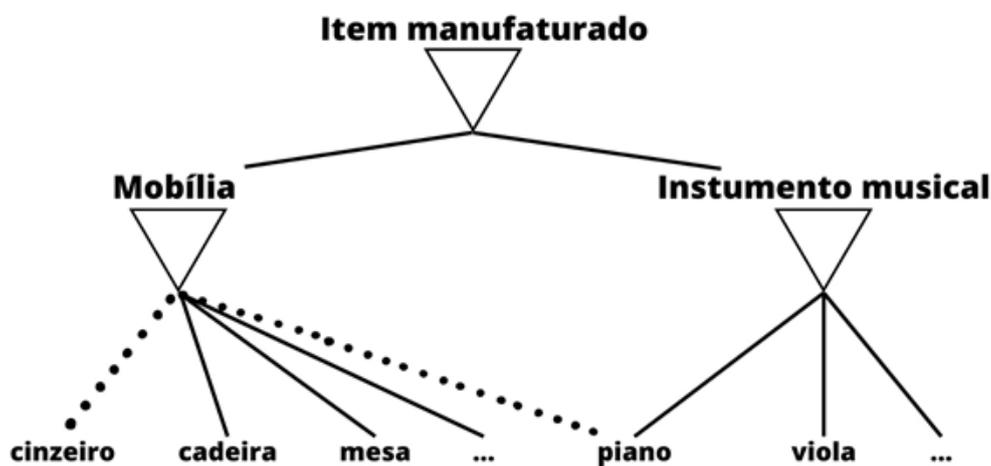
Foi discutido até este ponto que a gramática de Construções visa a representar o conhecimento linguístico em termos de construções que são estocadas no conhecimento linguístico dos falantes. Esse conhecimento, por sua vez, é organizado em forma de rede conceitual na qual as construções são interligadas mutuamente (LANGACKER, 1987; FILLMORE et al., 1988; DIESSEL, 2019) formando “um inventário estruturado do conhecimento dos falantes das convenções de sua linguagem” (CROFT; CRUSE, 2004, p. 262). A representação do conhecimento linguístico em forma de rede destaca que as construções não existem isoladamente e que a organização da rede gramatical é dinâmica, estruturando-se e reestruturando-se a partir das experiências individuais e coletivas com a língua, tal qual as redes neurais que armazenam a memória (DIESSEL, 2019). Dentro da rede, cada construção é um nó interligado a outras construções, assim os falantes acessam e combinam construções de forma flexível, adaptando-as ao contexto e às intenções comunicativas, podendo restringir ou estender as propriedades de uma construção para se adequarem a novas situações de fala.

As relações entre as construções abstratas e suas instanciações mais concretas podem ser explicadas pela noção de herança. Entende-se que as informações associadas a construções altamente esquemáticas são herdadas pelas construções mais concretas. O padrão esquemático [SUJ V OBJ], por exemplo, especifica que o verbo deve concordar com o sujeito em número e pessoa, assim, um sujeito de terceira pessoa do singular desencadeia o uso do sufixo flexional específico como em [João gosta de maçã]. Essa construção tem relação com uma construção mais geral [SUJ gostar OBJ] que, por sua vez se relaciona com a totalmente esquemática [SUJ V OBJ]. Cada uma dessas construções é um nó na rede do conhecimento linguístico do falante e são, conforme Croft e Cruse (2004, p. 263), ao mesmo tempo independentes e relacionadas em termos de esquematicidade. A construção transitiva indireta [SUJ gostar OBJ] apenas tem uma interpretação semântica mais específica e mais restrita do que a transitiva [SUJ V OBJ].

Destaca-se ainda, que uma construção pode ter relações esquemáticas com mais de uma construção ao mesmo tempo. A construção [João não gosta de maçã] é uma instância da construção transitiva indireta [SUJ gostar OBJ] e, ao mesmo tempo, da construção de negação [SUJ NEG V]. Corroborando com esse entendimento, está em Goldberg (2013, p. 10) a análise da construção [What did Mina buy Mel?]. Nela há uma série de construções, como a bitransitiva, a interrogativa, a construção de inversão sujeito-auxiliar dentro de uma relação taxonômica.

Seguindo os princípios da gramática de construções discutida até aqui, porém com foco maior nas questões que envolvem explicações para as mudanças linguísticas, Traugott e Trousdale (2021) representam as construções de acordo com o esquema  $[[F] \leftrightarrow [S]]$  (p.36), em que F é a forma com as propriedades da sintaxe, morfologia e fonologia e S refere-se ao significado dado pelo discurso, semântica e pragmática. Nesse sentido, os autores definem construção como um pareamento de forma e significado possível de ocorrer em várias dimensões, todas elas gradientes. Essas construções estão interligadas em uma rede, por relações de traços de herança, conforme se observa a seguir:

**Figura 3.** Uma pequena rede conceitual



**Fonte:** Traugott e Trousdale (2021, p. 39)

Na figura 03, o que está escrito em cima da base do triângulo representa uma supercategoria, a exemplo de *item manufaturado*, *móbiia* e *instumento musical*; enquanto o vértice oposto do triângulo está apontado para a subcategoria, representada por *cinzeiro*, *cadeira*, *mesa*, *piano* e *viola*. As linhas servem para ligar os conceitos e indicam o grau de associação entre uma instância e uma categoria mais geral. Assim, a linha contínua representa

uma forte associação, como *cadeira*, que se liga fortemente com *mobília*, por ser considerado um membro central dessa categoria. Por outro lado, a linha pontilhada indica uma relação mais fraca, a exemplo de *cinzeiro*, que é um membro mais marginal da categoria *mobília*, pois, embora compartilhe certas propriedades com os membros mais centrais da categoria, como a possibilidade de ser deslocado de lugar, ele não compartilha alguns traços mais prototípicos, como o tamanho que se espera de itens que integram uma *mobília*, uma vez que não é grande o suficiente. O item *piano*, por sua vez, ilustra o conceito de herança múltipla, pois compartilha características da categoria *mobília*, mas é um membro mais central da categoria *instrumento musical* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 40). Em suma, a figura 03 ilustra a ligação, em uma rede, entre conceitos mais esquemáticos, em que constam generalizações, a exemplo de *mobília*, conceitos mais específicos, como *cadeira*, e conceitos mais marginais, como se percebe em *cinzeiro*.

### 1.3 Propriedades da construção: esquematicidade, produtividade e composicionalidade

Os fatores construcionais são propriedades fundamentais para a caracterização das construções e relacionam-se diretamente ao aspecto cognitivo de representação das mesmas. São eles: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade* e serão explanados a seguir.

#### 1.3.1. Esquematicidade

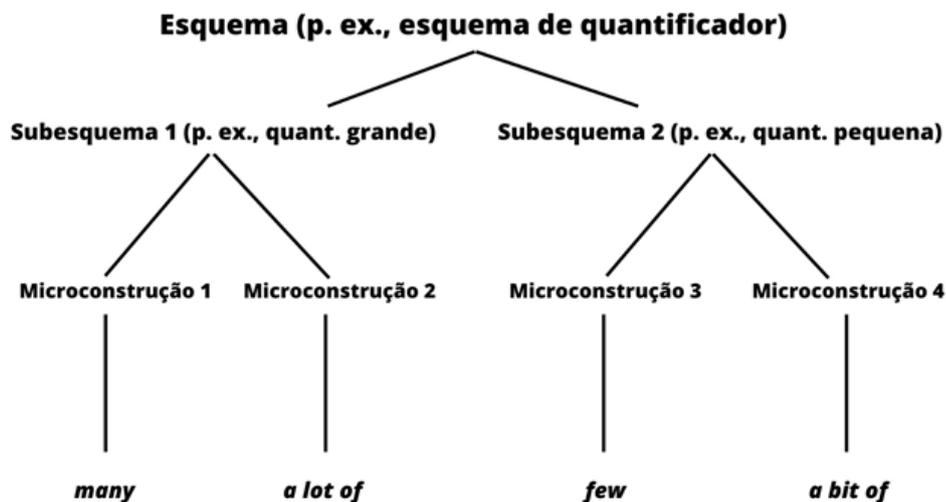
Para Traugott e Trousdale (2021), *esquematicidade* está relacionada à categorização e, por isso, envolve abstração. De maneira geral, um esquema é uma forma de generalização taxonômica de categorias, sejam elas linguísticas ou não. Em uma abordagem linguística, os esquemas são grupos abstratos, semanticamente gerais, que podem ser procedurais ou de conteúdo. Para a GC os esquemas são “abstrações que perpassam conjuntos de construções que são (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua como sendo estreitamente relacionadas na rede construcional” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 44).

Dentro do inventário linguístico, as construções exibem diferentes graus de esquematicidade que apresentam níveis de generalizações e especificações diferentes. Desse modo, padrões mais abstratos e gerais compõe o nível mais alto e são chamados de esquemas. Já os subesquemas estão localizados em um nível intermediário e as microconstruções estão no nível mais baixo e específico. “Somente as microconstruções podem ser substantivas e fonologicamente especificadas” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 49).

Sumariamente, no nível do esquema existem padrões totalmente esquemáticos, com todos os *slots* abertos, como o padrão [SVO], capaz de abrigar diferentes itens para o preenchimento dos *slots*. No nível do subesquema, estão os padrões parcialmente esquemáticos, como [um monte de X], que pode ser preenchido parcialmente e, finalmente, o nível das microconstruções, que são totalmente preenchidas e não tem nenhum slot vazio, como a expressão idiomática “dar no pé”.

Encontra-se em Traugott e Trousdale (2021), um exemplo de como as construções podem ser organizadas com base nas generalizações e especificações. A figura 04 representa a gradiência das relações hierárquicas entre construções de quantificação do inglês.

**Figura 4.** Gradiência das relações hierárquicas entre construções



**Fonte:** Traugott; Trousdale, 2021, p. 50.

No nível mais alto, situa-se o esquema geral, no qual estão incluídos todos os tipos de quantificadores, quer indiquem quantidade grande, média ou pequena. No nível intermediário, o nível dos subesquemas, as construções são divididas entre as que expressam grande e pequena quantidade. E, no nível mais baixo, o das microconstruções, encontram-se as várias construções específicas, de uso concreto (chamadas de construtos) e empiricamente atestado pelo uso, p. ex., *many* (muito), *a lot of* (um monte de), *few* (pouco) e *a bit of* (um pouco de).

Os construtos não são considerados pelos autores como um nível esquemático. Eles são “ocorrências empiricamente atestadas, instâncias de uso em uma ocasião particular, produzidas por um falante particular com um propósito comunicativo” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 48). Ainda, segundo os autores, “o construto é o *locus* da inovação individual e

subsequente convencionalização” (p. 49). A mudança construcional começa quando novas associações entre construções surgem ao longo do tempo, ou seja, quando a replicação de ocorrências leva a categorizações provisórias que não eram usadas por falantes antes. Com o tempo, elas podem se consolidar em novas construções.

### 1.3.2. Produtividade

O conceito de produtividade, conforme Traugott e Trousdale (2021), relaciona-se, principalmente, com a gradiência das construções e diz respeito tanto à extensibilidade quanto à restrição, diretamente relacionadas ao sancionamento de padrões esquemáticos.

Muitos trabalhos realizados na área de mudança linguística discutem a produtividade e argumentam que ela está diretamente ligada à frequência de uso, desse modo, “quanto maior a frequência de um *type* (ou padrão construcional), maior a produtividade ou a probabilidade de a construção ser estendida a novos itens” (BYBEE, 2016, p. 113). Na mesma linha, Traugott e Trousdale (2021) entendem que “o aumento na frequência de uso corresponde ao aumento na frequência do construto” (p. 51), pois isso sugere que os falantes usam com mais frequência a nova construção. No que diz respeito aos processos cognitivos, o uso frequente e a repetição das construções ao longo do tempo são fatores-chave para a rotinização e automatização.

Uma visão mais ampla da produtividade leva a perceber que ela está relacionada com a frequência de tipo (*type frequency*) e com a frequência de ocorrências (*token frequency*). A primeira corresponde à quantidade de novos padrões que podem ser sancionados por padrões já existentes e a segunda diz respeito ao número de ocorrências de uma mesma unidade linguística no discurso.

Nas análises de dados reais, a frequência é vista como uma ferramenta que auxilia na análise de dados para testar a produtividade dos fenômenos em estudo. A hipótese, conforme Bybee (2016) é de que as instâncias de uso impactam a representação cognitiva da linguagem, por isso o embasamento no uso ocupa uma posição de destaque nos estudos baseados no uso. Além disso, a frequência de uso é utilizada para analisar a tendência de manifestação de determinada construção no discurso, uma vez que permite “a compreensão da dimensão da experiência com a linguagem” (FURTADO DA CUNHA, 2014, p.2). Ainda nas palavras da autora, “a frequência de ocorrência de um dado formato serve para fixá-lo no repertório do falante e torná-lo uma unidade de processamento” (p. 3).

No que se refere aos processos de mudança linguística, Bybee (2016) postula que o aumento da produtividade pode resultar na expansão das posições esquemáticas das

construções, as quais podem passar a ser preenchidas por novos itens lexicais ou mesmo novas construções, a partir de processos de “analogização” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021).

### 1.3.3. Composicionalidade

A composicionalidade refere-se ao grau de transparência expresso no elo que une forma e significado, ou seja, ao quanto os significados das partes de uma construção contribuem para o significado do todo. Segundo Traugott e Trousdale (2021), ela é, geralmente, analisada em termos de sintaxe e de semântica; a sintaxe é composicional, pois constrói expressões mais recursivamente complexas a partir de expressões menores; a semântica é composicional, porque, da mesma forma, constrói significados de expressões maiores com base em significados de expressões menores.

Neste fator, considera-se o grau de compatibilidade ou de incompatibilidade que existe entre o significado das partes e o significado do todo. Nas palavras dos autores:

De um ponto de vista construcional, a composicionalidade é melhor pensada em termos de compatibilidade ou não entre aspectos da forma e aspectos do significado (cf. FRANCIS & MICHAELIS, 2003 sobre a incongruência ou não compatibilidade). Se um construto é semanticamente composicional, então, contanto que o falante tenha produzido uma sequência sintaticamente convencional, e o ouvinte entende o significado de cada item individual, o ouvinte será capaz de decodificar o significado do todo. Se o construto não é composicional, não haverá compatibilidade entre o significado de elementos individuais e o significado do todo. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 53)

Apoiados em Arbib (2012), Traugott e Trousdale afirmam que “o significado da linguagem não é inteiramente composicional, mas linguagem tem composicionalidade, de modo que a própria estrutura composicional da sentença fornecerá pistas para o sentido do todo” (ARBIB, 2012, P. 475, *apud* TRAUGOTT E TROUSDALE, 2021, p. 19).

As construções apresentam vários graus de composicionalidade, a depender do quanto as partes que a compõem estão entrincheiradas. A composicionalidade é referenciada na literatura construcional como medida semântica e mensura a previsibilidade das partes que compõem a construção. Essa previsibilidade é conhecida dentro da teoria como analisabilidade.

Nesse sentido, a analisabilidade trata do reconhecimento que o falante tem de cada parte da construção na conceptualização do seu significado. Bybee (2016) afirma que analisabilidade e composicionalidade são parâmetros gradientes e devem ser entendidos, até certo ponto, como parâmetros de análise distintos e independentes, visto que uma construção pode apresentar baixa composicionalidade e, ainda assim, suas partes serem reconhecidas individualmente. Um

exemplo apresentado pela autora que ilustra como as duas medidas são autônomas é a expressão idiomática do inglês *pull strings* (mexer os pauzinhos) que é parcialmente composicional devido seu caráter metafórico (mexer/arrumar as coisas para que se acertem), mas, também, é analisável porque o falante consegue recuperar o significado de cada uma das partes assim como sua relação com o todo, tudo isso simultaneamente na cognição ao ativar a expressão idiomática.

Discutimos e apresentamos nesta seção, os traços construcionais que caracterizam as construções e que também podem auxiliar na verificação dos estágios da mudança. Na próxima seção mostramos a maneira como a mudança linguística é entendida a partir do modelo adotado para esta pesquisa, a partir, principalmente, do estudo de Traugott e Trousdale (2021).

#### **1.4. Mudança Linguística sob a perspectiva construcional**

A análise da mudança linguística pelo viés da abordagem construcional baseada no uso, diferentemente de outras abordagens que analisam a língua a partir de aspectos isolados, toma a construção como unidade de análise e considera que a mudança envolve sempre, e em alguma medida, aspectos de forma e de significado (BYBEE, 2016; HOFFMAN; TROUSDALE, 2011; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021).

Traugott e Trousdale (2013, 2021) trouxeram uma importante contribuição para o tratamento da mudança linguística no escopo da CG. Eles distinguem dois tipos processos: a mudança construcional e a construcionalização, que podem ser aplicados tanto em construções lexicais quanto procedurais.

Segundo os autores, mudança construcional “é uma mudança que afeta uma dimensão interna de uma construção” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 65), não envolvendo a criação de um novo nó na rede. Para ilustrar, usaremos o caso de *will*, do inglês. Originalmente, *will* significava pretender, querer e, a partir de uma mudança semântica, passou a indicar futuro (mudança no polo do significado). Ao se tornar um indicador de futuro, *will*, passou de verbo pleno para verbo auxiliar e, com isso, sofreu alteração sintática (no polo da forma) – passou a apresentar restrições de posição. Por fim, a redução de *will* para ‘ll usado de maneira aglutinada aos pronomes pessoais para marcar o futuro, indica uma alteração morfofonológica. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

As mudanças construcionais podem levar (mas não necessariamente) à formação de novos pareamentos de forma e significado. Quando isso ocorre, temos o que Traugott e Trousdale (2021) denominam construcionalização. Nas palavras dos autores:

**Construcionalização** é a criação de (combinações de) signos forma<sub>nova</sub> – significado<sub>novo</sub>. Ela forma novos tipos de nós, que têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes. Ela é acompanhada de mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, portanto, é gradual. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 58, grifo do autor)

A respeito da construcionalização, Traugott e Trousdale (2021) focalizam dois tipos: a lexical e a gramatical. Como exemplo de construcionalização lexical, temos o desenvolvimento histórico da palavra *cupboard* (armário). Etimologicamente, duas palavras independentes se combinaram e formaram o composto *cupboard*, que era usado, originalmente, para se referir a um pedaço de madeira (*board*) em que se colocavam copos (*cup*). Ao longo do tempo o composto passou por uma mudança semântica e, no inglês moderno, *cupboard* é uma área de armazenamento fechada em uma casa. Além disso, sofreu uma mudança morfológica, pois passou para uma forma simples. Ou seja, trata-se de uma nova construção, uma nova unidade simbólica convencional, nova tanto na semântica quanto na morfossintaxe que serve às novas necessidades comunicativas dos usuários.

A construcionalização gramatical, por sua vez, ocorre quando a nova construção é mais abstrata e procedural. Ou seja, a formação da nova construção envolve o ganho de valor gramatical. Os autores usam a sucessão de mudanças sofridas pelo partitivo *lot* ('um pedaço de', 'uma porção de') que se transformou em *lot of* ('muito de') um quantificador. Nesse exemplo, tem-se o pareamento de uma nova forma e de um novo significado com maior valor gramatical do que aquele que lhe deu origem.

De modo resumido, Traugott e Trousdale (2021) explicam que *a lot of* ('um pedaço de', 'uma porção de') quando usado como partitivo, permite a substituição por *unit/piece/share of* ('unidade', 'pedaço', 'quota de'), enquanto o uso como quantificador é substituível por *much* (muito) ou *many* (muitos). Além disso, outra diferença que marca os dois diferentes usos é que, como partitivo, a concordância é feita com a forma nominal que acompanha a construção. Observe os exemplos, usados pelos autores:

- (7) The worthy Mr. Skeggs is busy and bright, for **a lot of goods** is to be fitted out for auction.

‘O digno Sr. Skeggs é ocupado e esperto, pois muitas mercadorias devem ser arrumadas para o leilão.’

(1852 Stowe, *Uncle Tom’s Cabin* [COHA])

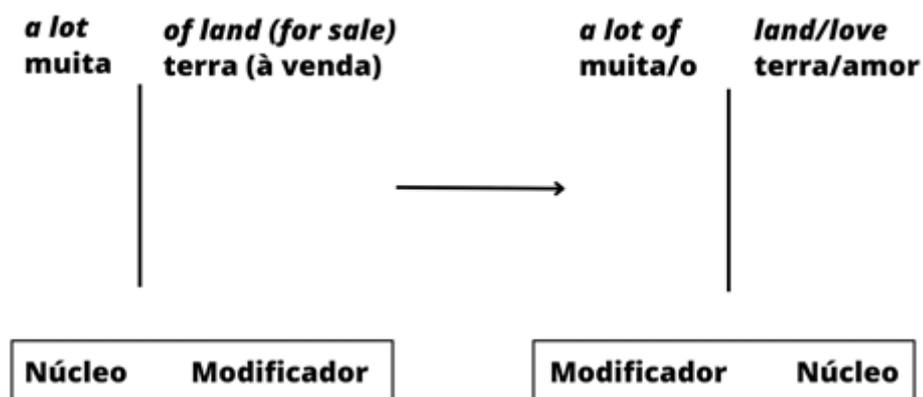
(8) I have **a lot of** goods to sell, and you wish to purchase **them**.

‘Eu tenho muitas mercadorias para vender, e você quer comprá-las.’

(1852 Arthur, *True Riches* [COHA])

Em (7) a concordância de número se faz com ‘*lot*’, e em (8) com ‘*goods*’, que é evidenciado pela presença do pronome *them* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 63). Segundo os autores, o aparecimento de exemplos como em (8) permite a inferência de ocorrência de construcionalização, uma vez que, além de se identificar mudança no plano do significado (de partitivo para quantificador), também se nota mudança no plano da forma. A mudança na forma vem de uma neoanálise da relação de núcleo no binômio. Além disso, houve também, uma neoanálise da preposição *of*, que passa a ser a ser parte fonológica do quantificador. Esse processo foi representado por Traugott e Trousdale (2021), com base em Brems (2003, p. 289).

**Figura 5.** Neoanálise de *a lot of*



**Fonte:** Traugott; Trousdale, 2021, p. 63.

Para haver construcionalização, é preciso haver mudança construcional. Ressalta-se, também, que os produtos da construcionalização podem resultar em mudanças nos esquemas e subesquemas da rede construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 64).

A metáfora de rede foi desenvolvida dentro das teorias de linguística cognitiva e representa muito bem a visão de língua que as teorias funcionalistas e cognitivistas defendem. Para Traugott e Trousdale (2021), a língua, assim como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e relações entre esses nós. Dessa forma, interessa-nos observar brevemente como *vai saber* adentra diferentes redes a partir de seus diferentes usos, enfocando, sobretudo, seu potencial de integrar o rol de MDs da língua, o que justifica a seção que se abre a seguir.

## 2. MARCADORES DISCURSIVOS

Nota-se, na descrição linguística contemporânea, considerável interesse pelos marcadores discursivos (doravante, MD) como objeto de estudos, o que faz com que haja grande variedade de abordagens, desde aquelas inclinadas a investigarem seu surgimento até as que enfocam, predominantemente, seu comportamento nas diversas situações de interação.

Uma primeira observação capaz de ensejar múltiplas perguntas de pesquisa é quanto à forma dos MDs, já que eles são um conjunto de expressões que se baseiam em diferentes constituições formais, como adjetivos, advérbios, interjeições, pronomes, verbos e estruturas de oração e agrupamentos variados de vocábulos, como mostra Guerra (2007). Assim, o rótulo “marcador discursivo” pode ser tomado como uma ampla classe ou categoria, favorecendo inúmeras definições. Diferentes bases teóricas, como a Análise do Discurso (SCHIFFRIN, 1987), a Pragmática (FRASER, 1990) e a Linguística Textual (RISSO; SILVA; URBANO, 2019), dentre outras, têm contribuído para uma compreensão mais aprofundada das especificidades formais, funcionais e contextuais dos MD. A variedade de abordagens desencadeia, também, um vasto universo de terminologias e conceituações, todavia, não trataremos de todas nesta pesquisa. Por questões de alinhamento teórico, apresentaremos, principalmente, uma abordagem já amplamente difundida em pesquisas brasileiras, a Perspectiva Textual- Interativa, e outra mais recente, a abordagem construcional dos marcadores, basicamente os estudos de Traugott (2021).

### 2.1 As diferentes abordagens

Não pressupomos, neste trabalho, a existência de uma noção de MD que seja compartilhada por todas as abordagens que tratam sobre o tema. O que entendemos é que existem traços que podem ser recorrentes em um número considerável de vertentes e, diante disso, buscamos, na presente seção, sintetizar e discutir algumas das pesquisas já desenvolvidas, visando a explanação de princípios teóricos e metodológicos comuns a essas abordagens.

Penhavel (2010) demonstrou, com base em Fischer (2006), que podem ser verificados três tipos gerais de abordagens de MDs, tendo em vista a natureza das expressões linguísticas analisadas como tal. O primeiro tipo abarca abordagens que tomam como MDs expressões afixadas a um enunciado matriz, que têm função de conexão e que se referem a um aspecto desse enunciado. Aí se incluem, por exemplo, trabalhos como os de Fraser (2006), Blakemore (1987, 2002), dentre outros. A segunda modalidade de abordagem compreende aquelas que

analisam como MDs expressões constituindo um enunciado completo, com função de gerenciamento da conversação e que se referem a domínios comunicativos. Dentre os representantes desse tipo de abordagem, podem ser citados os trabalhos de Fischer (2000, 2006), Frank-Job (2006) etc. Finalmente, o terceiro tipo de abordagem abarca aquelas que consideram como MDs expressões dos dois tipos distinguidos acima, isto é, tanto expressões de natureza conectiva, quanto expressões mais diretamente ligadas ao gerenciamento da conversação. Essa terceira modalidade de abordagem inclui, por exemplo, trabalhos como o de Schiffrin (1987) e o de Risso, Silva & Urbano (2002, 2006).

Schiffrin (1987) desenvolve uma extensa pesquisa sobre MDs que contribuiu significativamente para sua definição como uma categoria, inclusive para a fixação da denominação '*marcadores discursivos*'. A autora define MDs como “elementos sequencialmente dependentes que delimitam unidades discursivas”<sup>2</sup>. Em seu estudo, ela analisa um conjunto de expressões composto pelos MDs *oh, well, and, but, or, so, because, now, then, I mean* e *y'know*, verificando como essas unidades contribuem para o estabelecimento de coerência discursiva nas narrativas orais de falantes. Para tanto, a autora enfoca a “coerência que é construída por meio de relações entre unidades adjacentes no discurso” (SCHIFFRIN, 1987, p. 24) e discrimina cinco domínios, cada um com sua própria especificidade, os quais se encontram elencados abaixo:

- (i) *Estrutura de Troca*: que reflete os mecanismos do intercâmbio conversacional e mostra os resultados do processo de troca de turnos conversacionais e como os turnos são relacionados entre si; abarca as restrições próprias da conversação, como a troca de papel falante-ouvinte, além da habilidade mútua de transmitir mensagens, tomada de turnos e sinais responsável pela arrumação da interação.
- (ii) *Estrutura de Ação*: que reflete a sequência de atos de fala que ocorre dentro do discurso; dá conta da maneira com que os atos de fala se organizam no discurso, sustentando as relações interpessoais dos falantes.
- (iii) *Estrutura Ideacional*: que reflete certas relações entre as ideias (proposições) encontradas no discurso, incluindo: 1) relações coesivas, que manifestam a interpretação de uma oração com seu contexto oracional anterior; 2) relações tópicas, que relacionam o que está sendo falado e construído pelos falantes em um determinado tema; e 3) relações funcionais, que destinam as generalizações, as

---

<sup>2</sup> Cf. original: sequentially dependent elements which bracket units of talk (SCHIFFRIN, 1987, p.31).

razões, as causas ou as explicações dos atos que fazem base para a argumentação do fundo discursivo dos falantes.

- (iv) *Esquema de Participação*: que reflete o modo como falantes e ouvintes podem se relacionar entre si e com o enunciado; performando atos e sendo responsável pelas condições que esses atos geram no outro.
- (v) *Estado da Informação*: refere-se à capacidade cognitiva que os participantes da interação podem organizar ou configurar seu fluxo de conhecimento e supor o grau de conhecimento que o outro tenha.

No âmbito desses domínios, a autora defende que os MDs servem para “prover coordenadas contextuais para conversação em andamento” (SCHIFFRIN, 1987, p. 41), trabalhando no nível do discurso. Em seu estudo, a autora descreve como os falantes utilizam os marcadores para se manifestarem na interação com os outros participantes, perguntando-se “onde os marcadores ocorrem e por quê?” (SCHIFFRIN, 1987, p. 313). A pesquisadora identificou que cada domínio do discurso pode situar um marcador específico, embora alguns possam atuar em mais de um plano. Como se pode notar, a abordagem de Schiffrin (1987) considera os MD sob diversos olhares, considerando as relações textuais e interacionais que se apresentam na interação amparadas nesses elementos. O tratamento dispensado aos MDs pela Perspectiva Textual-Interativa tem direcionamento similar, razão pela qual a apresentamos a seguir.

## **2.2.O conceito de Marcador Discursivo na Perspectiva Textual- Interativa**

Conforme demarcado anteriormente, há grande quantidade de abordagens de MDs, que vêm gerando diferentes definições e análises de variados tipos (PENHABEL, 2012, p. 78). Para fins de organização teórico-metodológica, assumimos a convergência da Perspectiva Textual-Interativa com propriedades da abordagem construcional da mudança linguística, assentada, sobretudo, em dois pontos: (i) a relevância do uso da língua em contextos reais de interação; (ii) as ideias de variação e gradiência de funções que uma construção pode desempenhar na interação (Bybee, 2016).

Tanto a Perspectiva Textual-Interativa quanto os MBU tem como ponto de partida o uso, base para qualquer descrição linguística. Na GTI, segundo Jubran (2006, p. 31), não há a dissociação das características estruturais da dinâmica dos processos formulativo-interacionais

sistematicamente envolvidos em sua produção, entendendo-se por “sistematicamente” as regularidades na estruturação textual e nos princípios que norteiam o desempenho verbal. Assim, toma-se o texto como objeto de estudos para dele depreender regularidades, pela recorrência em contextos definidos, das formas de processamento das estratégias de construção textual, dos mecanismos de estruturação textual, entre os quais se incluem os MDs e suas funções textuais-interativas.

Conforme Guerra (2007), as funções textuais-interativas são definidas como a imbricação dos processos de formulação textual e de interação de maneira a não ser possível considerá-los separadamente, já que “os fatores interacionais são inerentes à expressão linguística, devido à introjeção natural da atividade discursiva no produto verbal de um ato comunicativo” (JUBRAN, 2006, p.29). ainda, segundo Guerra (2007), o princípio de gradiência, fundamental na GTI, permite, a dominância de uma ou outra contraparte quando um determinado procedimento de construção textual atua de forma predominante na organização informacional do texto.

A abordagem construcional, tal como a adotamos aqui, é uma teoria do uso. Assim, os processos de mudança linguística sempre emergem a partir da interação dos falantes, que negociam novos significados no curso da interação. O contexto interacional é fundamental para o entendimento e análise das formas linguísticas e seus significados – as construções. Dessa forma, essa compatibilidade teórica entre as teorias supracitadas parece favorecer a análise proposta nessa dissertação.

No que compete, mais especificamente, ao tratamento de MDs, dentro da GTI, destacamos a definição proposta por Risso, Silva e Urbano (2006):

“Um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções, e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa” (RISSO; SILVA; URBANO, 2006, p.403).

Ainda, segundo os autores, apesar de haver extensa bibliografia na literatura linguística tratando dos MDs, não se observa, nesses registros, o consenso quanto à determinação da natureza e das propriedades dos marcadores, como base necessária para o delineamento de sua especificidade com relação a outros mecanismos de fundo discursivo que, embora apresentem pontos comuns com os marcadores, nem sempre são passíveis de serem enquadrados entre eles

(p. 404). Assim por meio de delimitações provisórias, novos exemplares são continuamente agregados ao conjunto, tornando-o cada vez mais heterogêneo.

A dificuldade na delimitação e, conseqüentemente, no tratamento desses constituintes que, para Risso e colaboradores (2006), compõem uma categoria discursiva, é atribuída, também, ao fato de que eles se situam no nível pragmático da linguagem, que recebe pouca atenção nas pesquisas. Dessa forma, Risso, Silva e Urbano (2002, 2006) propõem um conjunto de “elementos esclarecedores da natureza e propriedades, não absolutas, mas por vezes intimamente correlacionadas” dos MDs. Os traços apresentados são organizados em ‘*mais presentes ou menos presentes*’, formando assim os “traços-padrão definidores do estatuto dos MDs”, conforme se verifica a seguir:

- (a) como mecanismos verbais da enunciação, atuam no plano da organização textual-interativa, com funções normalmente distribuídas entre a projeção das relações interpessoais – quando o foco funcional não está no sequenciamento de partes do texto – e a proeminência da articulação textual – quando a dominante deixa de estar no eixo da interação;
- (b) operam no plano da atividade enunciativa e não no plano do conteúdo; por isso mesmo, são exteriores ao conteúdo proposicional e à informação cognitiva dos tópicos ou segmentos dos tópicos. Entretanto, asseguram a ancoragem pragmática desse conteúdo, ao definirem, entre outros pontos, a força ilocutória com que ele pode ser tomado, as atitudes assumidas em relação a ele, a checagem de atenção do ouvinte para a mensagem transmitida, a orientação que o falante imprime à natureza do elo sequencial entre as entidades textuais. Codificam, portanto, uma \_informação pragmática (Fraser, 1990). Nessa qualidade, estabelecem-se como embreadores dos enunciados com as condições da enunciação, apontando para as instâncias produtoras do discurso e definindo a relação dessas instâncias com a estruturação textual-interativa;
- (c) manifestam um processo de acomodação do significado literal da(s) palavra(s) que os constitui (constituem) à sinalização de relações dentro do espaço discursivo. Esse fato carrega, muitas vezes, uma perda parcial de sua transparência semântico-referencial;
- (d) analisados do ponto de vista da integração sintática na estrutura oracional, os MD são unidades independentes, que, portanto, não se constituem como parte integrante dessa estrutura;
- (e) realizam-se, na maioria das vezes com o acompanhamento de uma pauta prosódica demarcativa. Ora bem definida – em ocorrências delimitadas por nítida curva entonacional, com rebaixamento de tom no final da unidade -, ora bastante sutil. A demarcação prosódica que costuma acompanhar a realização dos MD é uma evidência a mais de sua dissociação sintática em relação à estrutura oracional em que se alocam;
- (f) são insuficientes para constituírem enunciados completos em si próprios, ou seja, são, do ponto de vista comunicativo, unidades não autônomas, diferenciando-se, nesse ponto, mas não somente nele, das interjeições, dos vocativos, das palavras-frase;

- (g) em seu padrão mais frequente e característico, os MD são formas de extensão reduzida a uma ou duas palavras ou de massa fônica mais restrita a um limite de três sílabas tônicas. O envolvimento de maior número de unidades léxicas ou sílabas tônicas, na constituição de um MD, implicaria, normalmente, um grau maior de elaboração sintática e de transparência semântico-referencial, que parece pouco compatível com o caráter mais formulaico esperado em sua composição;
- (h) de modo geral, destacam-se como formas recorrentes no espaço textual, sendo o padrão dessa recorrência, evidentemente, dependente dos limites de segmentação do corpus de análise;
- (i) quanto à apresentação formal, os MD são, comumente, formas mais ou menos fixas, pouco propensas a variações fonológicas, flexionais ou de construção. As pequenas alterações observadas, restritas quase sempre a contrações (*não é ~ né*), reiteraões (*ahn ~ ahn, ahn; etc. ~ etc., etc.*) ou manifestação de uma variante flexional específica (*entende? ~entendeu?*) ou sintagmática (*digamos ~ digamos assim*), confirmam a tendência para a cristalização formal dos MD, e para seu estatuto de fórmulas já prontas para serem usadas no discurso com certo grau de automatismo, sem passarem previamente por uma elaboração léxico-sintática mais palpável. (RISSO; SILVA; URBANO; 2002 p.53-54).

Em um trabalho posterior (2006), os mesmos autores reúnem dez variáveis que visam recobrir e reunir aspectos avulsamente considerados, de forma explícita ou implícita, na literatura linguística sobre os MDs, as quais foram reunidas no quadro1. As variáveis *Articulação de segmento do discurso* e *Orientação da interação* referem-se às funções textuais-interativas dos MDs e serão mais detalhadamente explanadas após o quadro.

**Tabela 1.** Variáveis definidoras de Marcadores Discursivo

<b>Variável</b>	<b>Explanação</b>
<b><i>Padrão de recorrência</i></b>	Destina-se a observar a frequência que os marcadores discursivos aparecem em um <i>corpus</i> . Os MDs são altamente frequentes e reiteradamente usados no discurso;
<b><i>Relação com o conteúdo proposicional</i></b>	Investiga se o marcador funciona exterior ao conteúdo, não exterior ao conteúdo ou em casos que isso não se aplica, como em unidades de interjeição. A maior parte dos MD é exterior ao conteúdo proposicional, porque não contribuem diretamente com o conteúdo referencial da proposição sobre a qual incide.
<b><i>Transparência semântica</i></b>	Apura se o significado dos marcadores é transparente partindo pelo sentido denotativo e referencial. O significado dos MD pode corresponder: a) à adaptação ou ao desdobramento de significado gramatical; b) à reaplicação de significado lexical.
<b><i>Apresentação formal</i></b>	Distingue as formas que apresentam ou não variações em a) forma única e b) forma variante. Os MD

	constituem-se, geralmente, de formas cristalizadas - de pouca ou nenhuma variância - que ocorrem de forma automatizada no discurso.
<i>Relação sintática com a estrutura oracional</i>	Investiga o quanto os MDs integram sintaticamente a oração da qual fazem parte. Não integração sintática à estrutura oracional é considerada traço forte de MD; por isso, são, em sua maioria, sintaticamente independentes.
<i>Demarcação Prosódica</i>	Especifica se o marcador apresenta certa característica prosódica em sua periferia, Risso, Silva e Urbano (2019) dividem essa variável em marcadores que possuem uma pauta demarcativa e marcadores que não possuem. Pauta prosódica demarcativa (seja pausa ou rebaixamento do tom de voz) é um forte traço de MD.
<i>Autonomia Comunicativa</i>	Diferencia se há um conteúdo proposicional autônomo ou não, constituindo os MDs. Os autores evidenciaram que MDs são comunicativamente não autônomos, pois não portam conteúdo proposicional em si próprios.
<i>Massa fônica</i>	Classifica os marcadores em sua quantidade de sílabas tônicas, formando um primeiro grupo com até três sílabas tônicas e outro grupo com mais de três. Percebe-se que formas mais curtas (de até três sílabas tônicas) compõem o grupo dos MD. É importante analisar essa variável a partir de seu cruzamento com as variáveis: <i>transparência semântica e apresentação formal</i> .

**Fonte:** Elaboração própria com base em Risso, Silva e Urbano (2006, p. 409 – 414)

Essas são as características mais centrais dos marcadores. Quanto mais atributos um marcador possui como membro da categoria, mais prototípico ele se torna em comparação com os demais, que podem conter menos atributos a semelhança do protótipo.

Conforme supracitado, os autores distinguem dois tipos principais de MDs, os MDs basicamente sequenciadores (que apresentam o traço sequenciador tópico) e os MDs basicamente interacionais (que apresentam o traço basicamente orientador). Os exemplos em (9) e (10) ilustram, respectivamente, esses dois tipos.

- (9) mas acho válido você botar a criança o mais cedo possível na escola ... esse problema de puxar pela criança -- “Ah ... não deve puxar pela criança” -- eu acho que isso não funciona muito ... porque a criança vai a maternal somente pra brincar ... ser educada ... aprender a fazer coisas que em casa a mãe às vezes ... não tem condições de ensinar -- como eu ... eu não tinha condições de ensinar muita coisa a ela ... porque eu m/ passo o dia inteiro na rua trabalhando -- então ... ela na escola aprendeu muita coisa que eu não tive condições de ensinar a ela: ... aprendeu a comer não é ... sozinha porque eu ainda dava comida na boca ... aprendeu a fazer xixi dela no sanitário ... que ela não fazia ... fazia na fralda ... *então* ... eu acho válido botar a criança o mais cedo possível na escola (RISSO, 2006, p. 460).

(10) A: agora em dois dias da semana ... eu levo à faculdade também ... *não é?*

B: [ *ahn ahn*

A: e:: depois volto para casa (URBANO, 2006, P. 500).

De acordo com a Perspectiva Textual-interativa, o dado em (9) constitui uma unidade de organização textual chamada de *segmento tópico* - um grupo de enunciados formulados a respeito de um conjunto de referentes concernentes entre si e em relevância num determinado ponto do texto; nesse exemplo, trata-se de um segmento construído em torno do tópico “Matricular a criança cedo na escola”. Os *marcadores discursivos basicamente sequenciadores* são, de acordo com Risso (2006), um grupo que funciona na articulação dos segmentos textuais. Eles podem ter a função interacional de encaminhar, abrir ou fechar um tópico discursivo. Nesse caso, o item *então* contribui para indicar que o enunciado seguinte constitui o fechamento da unidade tópica; como explica Risso (2006), o item assume a função de retroagir para toda a extensão anterior do segmento, sinalizando, na sequência, um fecho que se estabelece pela confirmação do ponto de vista já afirmado pelo interlocutor.

Os *marcadores discursivos basicamente interacionais* são, conforme Urbano (2006), um grupo que regula, sobretudo, o grau de envolvimento dos interlocutores e a sua direção, caso seja um envolvimento consigo mesmo (subjeto) ou com o ouvinte (intersubjetivo). Este conjunto de marcadores difere dos sequenciadores por ter um reforço mais acentuado na própria natureza da interação. Nota-se em (10), que as expressões *não é?* e *ahn ahn*, focalizam o processo de orientação da interação. A primeira assume a função de checagem, que compreende a formulação de perguntas retóricas a respeito da concordância do ouvinte com o que é enunciado pelo falante, com vistas à obtenção da aprovação do ouvinte para o prosseguimento do discurso. Por sua vez, a expressão *ahn ahn* assume a função de retroalimentação, que consiste justamente no fornecimento, por parte do ouvinte, de expressões que indicam seu engajamento interacional com o falante e o consentimento para que este dê andamento ao discurso (PENHAVEL, 2012).

Retomando a pesquisa de Guerra (2007), também desenvolvida no âmbito da Perspectiva Textual-Interativa, encontramos uma análise que procurou pormenorizar MD dos mais variados tipos a partir de dois direcionamentos principais: i) a verificação das funções e subfunções predominantes, com a consideração de que cada MD expressa função mais

acentuadamente textual ou mais acentuadamente interacional e ii) a relação da forma dos MD a tais funções e subfunções, na tentativa de averiguar se dada configuração formal tende a se especializar em determinados comportamentos. Como consequência da assunção dessas duas tarefas, a autora chega a uma conceituação bastante clara do que seriam os marcadores, amparada, naturalmente, em várias pesquisas anteriores conduzidas em linhas teóricas coadunantes. Antes, porém, Guerra (2007) defende que marcadores portam sempre natureza conectiva, o que fica claro pelo chamado princípio de conectividade, ponto comum nas mais diferentes abordagens em voga. Deve-se mencionar que o traço de conectividade se exprime não só pela conexão de partes do texto e das sentenças, mas também pelo potencial de manter conectados os vários elementos do ato de interação verbal, em uma espécie de gerenciamento das condições para que a interação se mantenha adequadamente. A conceituação a que chega Guerra (2007) vem enunciada abaixo:

Marcadores Discursivos são, prototipicamente, expressões com alta frequência, exteriores ao conteúdo proposicional dos segmentos adjacentes, com transparência semântica parcial, sintaticamente independentes, com pauta demarcativa, comunicativamente não-autônomas, com até três sílabas tônicas e com função de sequenciamento tópico ou sequenciamento da interação. (p. 94)

Uma outra asserção trazida pela autora é sobre a relação entre a forma do MD e suas funções e subfunções. Os chamados MD de base oracional, no corpus por ela adotado, exercem predominantemente funções de sequenciamento interacional<sup>3</sup>, com destaque para as subfunções de *Checking*, *Injuntivo* e *Feedback*<sup>4</sup>.

No enquadre dos MBU, há vasta quantidade de pesquisas acerca dos MD, cenário que, como já afirmamos, possibilita a união dessas vertentes aos estudos de linhagem mais textual a que acabamos de nos referir. Elizabeth Closs Traugott é uma pesquisadora com extensa produção sobre MD, razão pela qual iniciaremos por um de seus recentes trabalhos. Traugott (2021) analisa os MDs e argumenta sobre a importância do contexto e as inferências que ele suscita no desenvolvimento gradual de MDs. A autora refere-se ao conjunto guarda-chuva como “marcadores pragmáticos”, conforme ilustra a figura 6:

<sup>3</sup> Guerra (2007) tem como um de seus principais resultados a revisão da nomenclatura que define os tipos básicos de MD. No lugar de *função de orientação da interação*, ela renomeia como *função de sequenciamento da interação* (p. 91).

<sup>4</sup> *Checkings* ocorrem no turno de um mesmo falante, que, pelo que seriam perguntas retóricas, como “entendeu?”, solicita autorização ao ouvinte para continuar. *Feedback*, como par do *Checking*, é uma manifestação do ouvinte para que o outro prossiga, como em “huhum”. *Injuntivo* é uma função que inclui o traço de ilocução imperativa e conta sempre com um elemento verbal, como “veja bem”.

**Figura 6.** Taxonomia dos Marcadores Pragmáticos



**Fonte:** Adaptado de Traugott (2021, p. 4)

Segundo a autora, os marcadores pragmáticos, incluindo os Marcadores Discursivos, embora sejam associados principalmente à fala, ocorrem também na escrita, já que se escreve para alguém. Além disso, essas construções, normalmente, não são integradas sintaticamente com a cláusula hospedeira, portanto não fazem parte da “sintaxe principal”. Para além desse traço, Traugott (2021) elenca algumas características que, de acordo com ela, marcam a prototipicidade dos marcadores pragmáticos:

- (i) São multifuncionais: normalmente possuem várias funções discursivas, muitas vezes associadas ao uso em diferentes posições na oração;
- (ii) São subjetivos: expressando a atitude, posicionamento ou avaliação do falante em relação ao conteúdo da cláusula associada;
- (iii) Alguns são intersubjetivos;
- (iv) São móveis: podem aparecer em várias posições na oração;
- (v) São frequentemente desencadeados por um envelope prosódico (ou vírgula na escrita);
- (vi) Não são condicionais à verdade;
- (vii) São caracterizados pela pragmática convencionalizada (HANSEN, 2012; FINKBEINER, 2019 *apud* TRAUGOTT, 2021).

Esses constituintes, de forma geral, fornecem pistas de contextualização e instruções de processamento para a interpretação das relações entre os tópicos discursivos e por não serem formas sintaticamente fixas, podendo aparecer na posição final, medial e inicial. Como se observa na figura 6, as subfunções dos marcadores pragmáticos são: social, epistêmica e

discursiva e, alinhados, esses constituintes compõem uma hiperconstrução (Diewald, 2020), um paradigma em torno de uma função maior – a marcação pragmática. Essa última poderia ser traduzida como uma “macrofunção”, que está voltada para a gestão do discurso, como orientar mudanças de tópico e digressões, além de monitorar a relevância informacional do que é declarado, entre outros papéis.

Atualmente, há, no Brasil, outras produções relevantes acerca dos MDs em perspectiva construcional e emolduradas por modelos teóricos que partem do uso. Podemos mencionar, por exemplo, Cristiano (2021), Teixeira (2015), Sambrana (2021), Oliveira (2023), Garcia; Gonçalves (2021) e Bertasso (2020). Com tônica mais assemelhada a de nossa pesquisa, há o trabalho de Robuste (2018), que focaliza, em perspectiva sincrônica e com base em dados de língua falada e escrita do português brasileiro contemporâneo, construções [V1+*ver*], sendo V1 preenchido pelos verbos *ir*, *querer* e *deixar*. O tratamento das construções implementado pela autora começa pelos usos lexicais de V1 e de *ver*, como em “eles *foram* lá *ver* o banheiro” e desemboca em usos como MD, observados, por exemplo, em “acho que aconteceu, *quer ver*, numa sexta-feira...”, passando por empregos como perífrase de futuro.

Um emprego bastante relevante levantado por Robuste (2018) é como construção modal, exemplificado por

- (11) então o diabo estava no culto... o diabo num tava no carnaval... aí chegô(u) uma pessoa e perguntô(u) pra ele... – “que que cê tá fazen(d)o aqui no culto teu lugar é no carnaval” – (inint.) – “aqueles tudo já são meus... eu quero aqui porque aqui... tem os que não são meus eu **quero vê(r) se** eu consigo levá(r) alguém pra mim
- (12) esse ano que eu **quero vê(r) se** eu num gasto muito aqui... eu vô(u) deixá(r) a grana quieta... a única coisa que me falta comprá(r) aqui (inint.) um ventiladorzinho

Robuste (2018) desenvolve, sobre esses usos, discussão convergente à de Sousa (2007), defensora de que esses usos são mais discursivizados e desencadeados por construções matrizes seguidas de conjunção/complementizador *se* em processo de Gramaticalização (GR). Um dos passos dessa GR seria a reanálise da conjunção como parte da construção matriz, que passa a funcionar como marcador gramatical de valor modal operante sobre uma oração sequente. Dessa maneira, Robuste (2018) afirma que construção [V1+*ver*+*se*] assume função modal, já que o conteúdo da oração sobre a qual ela recai só é passível de ter seu valor de verdade verificado *a posteriori* da enunciação, tendo como efeito o descomprometimento do falante em relação à verdade do conteúdo expresso.

Em Sousa (2007), é possível encontrar uma discussão ainda mais ampla sobre *quero ver se*, denominada “expressão indicativa de intencionalidade” (p. 148). Com olhar para a GR, a autora mostra que há o amalgamento da conjunção *se* com o predicado *quero ver*, fenômeno que tem como resultado o obscurecimento da fronteira entre a oração matriz e a completiva. Para além da forma, a autora incorpora à discussão a informação de que o sentido de *quero ver se* é de uma intenção assentada em um desejo, com baixa expectativa de realização e sucesso (p. 148).

Outras duas construções são alvo de interesse da autora: *veja se* e *quem sabe se*. Julgamos que a última pode, de certa forma, demonstrar mais conformidades com *vai saber*, pelas razões que expomos mais adiante.

Focalizando *quem sabe se*, Sousa (2007) traz casos como o que segue:

(13) O PESCADOR: há muito que não sei dele. Então, como estava me dando saudade, pedi ao Anfilóquio para escrever uma carta.

JOAQUIM AGUACEIRO: **Quem sabe se ele não anda doente?**

O PESCADOR: A última vez que tive notícias, ele estava forte e saudável. (p. 152)

Para Sousa (2007), a constituição de *quem sabe se* ocorre pela adjunção da conjunção *se* ao bloco que, em uma estrutura de complementação canônica, equivaleria a uma oração matriz. Complementarmente a essa afirmação, a pesquisadora argumenta que *quem sabe se* tem valor próximo ao do advérbio *talvez*, funcionando como o que ela denomina “marcador de modalidade dubitativa”. A paráfrase corrobora a afirmação:

(14) **Quem sabe se** ele não anda doente.

**Talvez** ele ande doente. (Sousa, p. 153)

Os termos em destaque estão em condição de semelhança, mas não são idênticos. Uma primeira distinção é quanto à combinação de cada marcador com o modo dos verbos: *talvez se* relaciona como verbos na forma de subjuntivo, enquanto *quem sabe se* está ligado a verbos no indicativo. Além dessa questão, há uma diferenciação pragmática: *quem sabe se* faz com que o interlocutor seja, de certo modo, impelido a emitir um parecer acerca da validade da proposição enunciada pelo falante, fenômeno que não se observa quando do emprego de *talvez*. Sousa destaca ainda que “o fato de essa função ser cumprida por *quem sabe se* e não por *talvez* deve-se, certamente, à força ilocucionária interrogativa da construção com *quem sabe se*, provavelmente induzida pelo pronome que encabeça a expressão” (p. 153)

A possível relação de *quem sabe se* com *vai saber* assenta-se na existência da construção que também está no foco de nossas análises, *vai saber se*, presente em casos como o que se vê abaixo:

- (15) ‘Sonhar’ não poderia ser entendido no sentido de ‘desejar’, ‘querer’, ‘imaginar’? Eu, pessoalmente, acho que é isso que significa essa palavra no contexto, mas, **vai saber se o Martin não está usando um jogo de palavras?** (Corpus do Português)

Possivelmente, *vai saber se* também se constitui como um caso em que, pela baixa integração entre as orações componentes (*vai saber + se o Martin não está usando um jogo de palavras*) ocorre a adjunção do *se* à perífrase *vai saber*, em uma reanálise da conjunção como parte da “matriz”. Esse possível *chunking* estaria funcionando como advérbio, assemelhado ao *talvez*, já discutido por Sousa (2007). É importante notar, pela ocorrência, as semelhanças com *quem sabe se*, amparadas na força ilocucionária interrogativa, na combinação com o modo verbal (indicativo), em um tipo de dessentencialização<sup>5</sup> do que seria a oração matriz e na paráfrase com *talvez*, exposta abaixo:

- (16) ‘Sonhar’ não poderia ser entendido em o sentido de ‘desejar’, ‘querer’, ‘imaginar’? Eu, pessoalmente, acho que é isso que significa essa palavra no contexto, mas, **talvez o Martin esteja usando um jogo de palavras.** (Corpus do Português)

Se essa trajetória é válida, o funcionamento de *vai saber se* como marcador adverbial dubitativo (Sousa, 2007, p. 154) pode ser entendido como o estágio crítico (ou o “gatilho”) para o surgimento e a forma de funcionamento de *vai saber* MD. Tais ideias serão mais bem averiguadas em nossa análise de dados.

---

<sup>5</sup> Nesse tipo de caso, já se infere que a construção se apresenta cristalizada e distante de seu estatuto de sentença, daí a dessentencialização da matriz (GONÇALVES, 2003, CASSEB-GALVÃO, 2001, FORTILLI, 2013). Nota-se que não há manifestação de sujeito ou especificações modo-temporais ou número-pessoais, como ocorreria se se estivesse diante da construção encaixadora, calcada na perífrase de futuro (por exemplo: “Voltando ao assunto principal, *nós vamos saber* quando realmente o nosso mundo vai virar o de gente grande”- Corpus do Português)

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme já apresentado, o aparato teórico que alicerça esta dissertação preza pela análise de dados reais da língua, o que nos levou à busca de ocorrências em *corpora* do português contemporâneo. Nessa perspectiva, a nossa pesquisa propõe-se a analisar, descrever e caracterizar a construção [vai saber] no português, enfatizando seu papel de MD. Para tanto buscamos dados que viabilizem generalizações partindo de uma perspectiva sincrônica. Justificamos tal escolha considerando “haver uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação” (MARTELOTTA, 2011, p. 55-56).

Para apresentar a metodologia empregada, dividimos este capítulo em duas seções. Na seção 4.1, discorreremos sobre a constituição e caracterização do *corpus* e a coleta de dados. Na seção 4.2, descrevemos os parâmetros de análise e explicamos alguns procedimentos metodológicos.

#### 3.1. Caraterização e Constituição do Corpus

Os nossos dados foram coletados por meio do banco de dados do Corpus do Português (Davies; Ferreira, 2006). Os *corpora* do Corpus do Português oferecem bilhões de palavras provenientes de quatro países de língua portuguesa. Eles permitem que pesquisadores, estudantes e professores entendam melhor o português e consigam reunir dados importantes para análises e pesquisas. Há três *corpora* diferentes no Corpus do Português: O primeiro é o *genre/historical*, criado em 2006, por Davies e Ferreira, comportando 45 milhões de palavras ao longo dos séculos XIII a XX. O segundo, *web/dialects*, reúne um bilhão de palavras de páginas da internet de quatro países de língua portuguesa, Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. E o terceiro, *NOW*, abreviatura para *News of the web* (notícias da internet), abriga 1 bilhão e 100 milhões de palavras entre os períodos de 2012 a 2019. O quadro abaixo reúne as informações de cada *corpus* disponível no site:

**Tabela 2.** Constituição do Corpus do Português

	Corpus	Tamanho (nº de palavras)	Conteúdo	Usos	Data da Criação
1	<i>Web/Dialetos</i>	1 bilhão	Páginas da internet de quatro países de língua	Comparação de dialetos	2016

			portuguesa, aproximadamente 50% blogs e 50% gerais.		
2	<i>NOW (2012 – 2019)</i>	1,1 bilhão	Páginas da internet dos mesmos quatro países, 2012 a 2019.	Mudanças; dialetos	2018
3	<i>Gênero/Histórico</i>	45 milhões	Textos dos anos 1200 a 1900; equilibrado quanto ao gênero para os anos 1900 (oral, ficção, jornal, acadêmico).	Mudanças; gêneros	2006

**Fonte:** Adaptado de Davies; Ferreira (2006)

Conforme já mencionado, objetivamos discutir e caracterizar uma construção de base verbal com função de MD, assim sendo, uma pesquisa sincrônica mostra-se condizente com os objetivos aqui propostos. Para tanto, a coleta de dados foi realizada dentro do corpus *Web/dialetos*, pela ferramenta de busca automática a partir das seguintes fórmulas:

- ✓ {vai saber} → sem material interveniente.
- ✓ {vai [?] saber} → com material interveniente.

O interesse pela construção seguida pela partícula “*se*” justifica-se pela hipótese levantada ao longo da pesquisa de que, as construções completivas com a conjunção *se*, encaixadoras de proposições com força ilocucionária interrogativa podem ser um possível gatilho para o surgimento do MD. Tal hipótese será mais bem discutida na próxima seção.

A análise aqui realizada fixou-se nos trechos de diferentes tipos de textos dispostos no *Corpus* (notícias, ficção, textos da web, comentários de opinião, entre outros) no português contemporâneo (séculos XXI). Pela grande quantidade de dados e por nossa pesquisa não comportar, diretamente, um interesse quantitativo, delimitamos um recorte de 450 ocorrências, sendo 150 referentes à construção marcadora de futuridade (PERFUT) [vai saber + EsCo/termo/proposição], 150 à construção como marcador dubitativo (MARCDUB) [vai saber se] e 150 referentes a [vai saber] MD.

A coleta de ocorrências seguiu dois critérios principais: o primeiro visa favorecer contextos que retratem o mais próximo possível a língua em uso; o segundo é o da sincronia, representativa do português brasileiro do século XXI. Sendo assim, utilizamos o corpus

composto por textos compilados a partir de mais de um milhão de páginas da internet entre 2013 e 2014, abrangendo desde comentários em publicações até páginas informativas e páginas pessoais (*blogs*) de quatro países falantes da Língua Portuguesa (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique)<sup>6</sup>.

### 3.2. Parâmetros de análise

Pela observação criteriosa dos traços característicos dos marcadores discursivos em diferentes abordagens, alinhada ao exame prévio dos outros usos detectados em [*vai saber*], optamos por uma seleção de fatores que dessem conta de caracterizar esses diferentes empregos e, ao mesmo tempo, enfatizar o uso como MD. Assim, não há a adoção de uma vertente única de estudos anteriores, que já trataram das construções em voga nesta dissertação.

As análises foram realizadas de maneira comparativa entre as diferentes construções, encontradas durante a coleta de dados. Os critérios de análise selecionados têm como objetivo ajudar a delinear as propriedades da forma e da função, primordialmente, da construção [*vai saber*]<sub>MD</sub>. Para sua caracterização haverá, naturalmente, a comparação com as outras construções, para que possamos elucidar como [*vai saber*]<sub>MD</sub> se relaciona com [*vai saber*]<sub>PERFUT</sub> e [*vai saber*]<sub>MARCDUB</sub>:

#### 1) *Relação modo-temporais verbais*

Esse parâmetro foi selecionado com o propósito de observar se há predominância de ocorrência de determinados tempos e modos nas orações articuladas a cada uma das construções. É importante mencionar que esse fator não contempla observação de questões modo temporais de *ir*, tampouco questões relativas à pessoa do verbo, uma vez que a pesquisa efetivou-se tendo como ponto de partida a cristalização de *vai saber*.

#### 2) *Unidade encaixada ou escopada*

Analisamos os tipos de complemento de [*vai saber*]<sub>PERFUT</sub> e o elemento relacionado a [*vai saber*]<sub>MARCDUB</sub> e [*vai saber*]<sub>MD</sub>, considerando a hipótese de que pode haver unidades

---

<sup>6</sup> Apesar de o banco de dados contemplar dados dos quatro países, a comparação de dados advindos de cada nação não faz parte dos interesses da pesquisa.

encaixadas ou escopadas predominantes e, sobretudo, alguma mais relevante para a efetivação do MD. Além disso, questões de complementação ajudam a explicar a construção no que diz respeito a seu grau de composicionalidade, esquematicidade e produtividade. Serão analisados os seguintes tipos de unidade possivelmente conectadas a [vai saber]:

**a) Termo**

- (17) Provavelmente o que veio a seguir (tortura, prisão, etc...) não estava nos planos e foi longe de ter sido justo (e não me entenda mal, fui sim contra a ditadura). Contudo, a bomba que ela jogou (ou mandou jogar, ou participou da ideia, ou estava no carro, ou estava dirigindo, ou sabia -- ninguém nunca vai saber a história corretamente) em um pracinha cumprindo guarda em um quartel, também foi longe de ser justo. (Corpus do Português)

**b) Estado de coisas**

- (18) Eu sempre fiz tudo errado, eu nunca fui o bastante para ninguém. Mas quando eu disse que te amava, eu descobri a única coisa boa em mim. Com você me sinto diferente, qualquer um que me olhar nos olhos vai saber que eu sou sua, mas se você me olhar, vai ver amor verdadeiro. ([bdforevers2.tumblr.com](http://bdforevers2.tumblr.com))

**c) Proposição**

- (19) É importante ressaltar que tanto a nova curva, como todas as anteriores, é apenas um referencial. Só o pediatra, durante o acompanhamento clínico, vai saber se a criança está ou não se desenvolvendo a contento. ([blogdogabrieldiniz.com](http://blogdogabrieldiniz.com))

3) *Força Ilocucionária*

Por esse parâmetro, buscamos investigar a influência da força ilocucionária na atuação da construção. Esse critério baseia-se na hipótese de que aparentemente, as construções completivas introduzidas por *se*, complementadas por determinada unidade (termo, EsCo ou proposição), com força ilocucionária interrogativa são gatilho para a formação da construção [vai saber]<sub>MD</sub>, sendo naturalmente relevante, nesse percurso, os traços de força ilocucionária das demais construções envolvidas.

4) *Manifestação de sujeito*

A partir desse critério, buscamos detalhar cada construção, já que, conforme dito anteriormente, a manifestação (ou não) de sujeito é um dos parâmetros que ajudam a elucidar

como se dão as diferentes possibilidades de atuação: [vai saber] PERFUT, [vai saber] MARCDUB e [vai saber] MD.

Outra ideia que justifica esse critério é a de que o sujeito que acompanha a construção (ou a ausência de um) pode influenciar em sua composicionalidade, esquematicidade e produtividade.

#### 5) *Material Interveniente*

A partir desse parâmetro pretendemos investigar se e como a presença de material interveniente entre o verbo *vai* e o verbo *saber* interfere no valor da construção. A hipótese é que não há tais materiais, ou eles acontecem em poucas ocorrências, já que pode se tratar de um caso de amálgama, isto é, um *chunking* que envolve *vai saber se* e cria as condições para o emprego de *vai saber MD*.

#### 6) *Posição de [vai saber] nos enunciados de que faz parte*

A partir desse fator, pretendemos investigar e discutir os diferentes graus de liberdade sintática presentes nas construções, nos seus diferentes modos de atuação dentro dos enunciados reais. O objetivo dessa investigação é identificar diferenças formais entre as construções aqui estudadas. Nossa hipótese é de que, em contextos de MD, a construção apresente maior liberdade sintática podendo aparecer em diferentes posições. Tal hipótese articula-se aos resultados encontrados por Risso, Silva e Urbano (2006), além de outros pesquisadores, de que os MDs são, em sua maioria, sintaticamente independentes.

#### 7) *Transparência semântica*

Buscamos, a partir desse parâmetro, discutir a mudança de significação da construção que, em contextos de MD, parece orientar-se para relações dentro do espaço discursivo, o que pode motivar a perda de sua transparência. O conteúdo gramatical ou lexical da construção (sentido primeiro) passa por um processo de acomodação semântica. Esse processo pode motivar a perda parcial ou total da transparência. Perda essa que é compensada pela incorporação de novos semas associados ao enquadramento textual-discursivo. (Risso; Silva; Urbano, 2006). Dessa forma, alterações na transparência na construção [vai saber] pode sinalizar uma mudança de significação. Além disso, esse parâmetro pode ajudar a discutir

questões relacionadas à composicionalidade da construção, uma vez que usos mais discursivos têm menos relação com o significado lexical das partes componentes da construção, ou seja, são menos composicionais.

8) *Pistas Prosódicas*

Buscamos, por esse critério, verificar se as construções exibem formas demarcadas por algum elemento gráfico que indique contorno prosódico mais específico. As diferentes construções com *vai saber* serão analisadas, mas especial atenção será dada aos casos que estamos rotulando como possíveis MD, pois parece se tratar de um contorno suspensivo. Salienta-se que utilizamos a nomenclatura de pistas prosódicas, uma vez que os dados são oriundos da modalidade escrita da língua, assim, temos apenas sinais gráficos indicativos de contornos sonoros.

#### 4. [VAI SABER] NO PORTUGUÊS: INTERAÇÃO ENTRE DIFERENTES USOS

De acordo com Olbertz (1998), uma perífrase verbal consiste na combinação de um verbo (originado de verbo lexical) em sua forma finita com um verbo em sua forma não-finita (infinitivo, gerúndio, particípio), num esquema do tipo  $[V1_{\text{finito}} + V2_{\text{nãofinito}}]$ . Nessa combinação, V1 adquire valor gramatical e passa a imprimir marcas de Aspecto, Tempo, Modo/modalidade, entre outras, em V2.

Nosso interesse de pesquisa envolve uma perífrase verbal específica do tipo “*ir + infinitivo*”, portanto, trata-se de uma construção originária de um verbo pleno *ir* que sofreu uma abstratização de seu sentido original de deslocamento no espaço e passou a atuar como um verbo auxiliar, compondo um todo significativo com o verbo principal. Muitos estudos já foram desenvolvidos sobre a mudança desse verbo e o seu amalgamento com outros. Fonseca (2010) trata da formação da perífrase *ir + infinitivo* e sua multifuncionalidade no português brasileiro e discute de forma detalhada a passagem do verbo *ir* de pleno a auxiliar e as conseqüentes mudanças de significado que envolvem a construção como um todo. É a partir desse ponto que iniciamos a nossa discussão sobre a construção *vai saber*.

Com base nos parâmetros de análise apresentados no capítulo anterior, descrevemos, nesse capítulo, os diferentes usos da construção [vai saber]. As discussões aqui propostas advogam a defesa de modificações no pareamento de forma e significado, originando usos mais discursivos e que atuam de maneira mais abstratizada do que a perífrase com valor de futuridade. Além disso, discutimos também os diferentes usos e características de [vai saber], considerando fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos. Para tanto, optamos em dividir a discussão de acordo com cada parâmetro elencado para essa pesquisa, comparando os diferentes usos e as situações comunicativas que os envolvem.

É importante ressaltar que todos os dados advêm de blogs, comentários em artigos ou reportagens, colunas de pequenos sites, entre outros que permitem a interação dos leitores. Esses suportes parecem favorecer um uso mais informal da língua, sendo, em geral, um ambiente de baixo monitoramento linguístico.

##### 4.1. Perfil modo-temporal dos verbos sob o escopo da construção [vai saber]

Interessa-nos este parâmetro pelo fato de que, em usos mais discursivizados da construção *vai saber*, o contexto comunicativo e a intenção do falante parecem favorecer a

utilização de modos e tempos verbais indicativos de incerteza, possibilidade ou até mesmo e uma modalização no sentido de não comprometimento com a informação. Além disso, analisamos se há predominância de ocorrência de determinados tempos e modos nas orações articuladas a cada uma das construções.

O modo verbal, de acordo com Bechara (2015), assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim. O falante pode, assim, considerar a ação como algo verossímil, como um fato incerto, um fato condicionado, etc. Ao analisar os dados de [vai saber] PERFUT, percebemos que, pela própria natureza da construção, cristalizada no modo indicativo, a informação que está sendo veiculada é considerada pelo falante algo da realidade. Nesse uso, o tempo verbal no entorno da construção não mostrou nenhum padrão predominante.

- (20) Ai, sério mesmo? Existe um monte de efeitos colaterais? É, minha filha, seu ciclo menstrual vai ficar todo bagunçado, você não **vai saber** nunca o dia que você vai menstruar. E todo mês vai ficar achando que está grávida, afinal o dia da bendita nunca vai ser o mesmo. (<http://aconteceunadrogaria.com/tag/pilula-do-dia-seguinte/>)
- (21) O que nos pegou de surpresa é que Júlio, que no Brasil tinha a música apenas como *hobbie*, cantasse forró. Como ele, que no Rio sempre era ligado ao teatro e curtia o funk carioca, se transformou em um forrozeiro, você **vai saber** na entrevista que fizemos (com) Júlio durante um passeio pelas ruas de Amsterdam. O mais importante, contudo, é perceber como a vida longe do país de origem pode levar as pessoas por caminhos que elas nunca imaginaram. ([canallondres.tv](http://canallondres.tv))

Em (20), o falante se refere a um fato ainda não realizado “o dia que você vai menstruar”. Embora o verbo ir (você vai menstruar) esteja conjugado no presente, ele indica um fato futuro. Nessa situação comunicativa não se encontra nenhuma atitude do falante em relação ao conteúdo encaixado pela construção, pelo contrário, o falante expressa algo verossímil. Em (21), o conteúdo encaixado por *vai saber* está no passado, trata-se, portanto, de algo que já está feito (neste caso, gravado). Assim como na ocorrência anterior, o falante se refere a um fato verossímil ao afirmar que o seu interlocutor tomará conhecimento sobre o que fez Júlio se transformar em um cantor de forró, na entrevista.

Dentre as ocorrências de [vai saber] PERFUT, poucos exemplos de enunciados fora do modo indicativo foram encontrados. Um deles refere-se à dependência de um fato à certa condição.

- (22) - Sou portadora de uma doença chamada barra óssea nos dois pés, essa doença foi se agravando devido o meu trabalho que inclui esforço físico e muito tempo em pé! Agora isso prejudicou meu joelho e minha coluna. No meu caso nem palmilha e nem medicamento nenhum faz mais efeito, pois sinto dores constantes. Os médicos dizem que não posso mais trabalhar. Você acha que eu conseguiria o auxílio doença? Muito obrigada  
- Oi, Simone, você só **vai saber** solicitando o auxílio-doença no INSS e passando pela perícia médica. ([atdigital.com.br](http://atdigital.com.br))

Neste dado, a construção mantém seu status indicador de futuridade e, apesar do fato “Simone ser informada ou tomar conhecimento sobre o auxílio-doença” depender da condição dela solicitar esse auxílio junto ao INSS e passar por perícia médica<sup>7</sup>, o falante toma isso como verossímil.

Quando, porém, a construção atua como marcador dubitativo, as informações parecem organizar-se mais no campo *irrealis*.

- (23) Vou dar um palpite, não contem nada pra ninguém: quando você engravidar, espere os 3 primeiros meses, depois aí sim, você espalha a boa notícia. Diz minha sogra e minha avó que não dá sorte! **Vai saber se tem algum fundo científico nisso**, mas na verdade eu sempre fiz e custava um pouco para o Claudio que é do seu signo segurar a surpresa, mas como boa virginiana, consegui na boa. ([buracodafechadura.com](http://buracodafechadura.com))
- (24) Porque, pombas, antes as mulheres ficavam em casa preparando café da manhã, almoço e jantar para a família inteira, e desde que inventaram a pílula elas desencanaram de pilotar fogão e deram origem a esse lucrativo mercado da comida congelada. **Vai saber se o feminismo não foi inventado pelo mesmo cara que criou o micro-ondas?** Ok, essa é uma hipótese estúpida, mas é verdade que a indústria de alimentos (e acho que a de micro-ondas também) lucra uma barbaridade com essa história da mulher trabalhar fora de casa. ([carreirasolo.org](http://carreirasolo.org))

Na ocorrência (23), a construção [vai saber] MARCDUB confere um tom não asseverativo à informação veiculada. É possível, no entendimento do falante, que a afirmação da sua avó e sua sogra tenha um fundo científico, ou não. Ou seja, o falante não considera isso um fato

---

<sup>7</sup> As relações de *vai saber* com o campo da condicionalidade, embora plausíveis e relevantes, não foram objetos dessa dissertação.

verossímil, mas uma hipótese. Em (24) o tom hipotético recai sobre “o feminismo ter sido inventado pelo criador do micro-ondas”.

Percebemos, por meio de nossas análises, que a construção [vai saber] MARCDUB aceita sob seu escopo informações no passado, presente ou futuro. Assim, a referência à incerteza e à dúvida não depende de traços modo-temporais da informação veiculada e sim da própria significação da construção.

Finalmente, analisamos também as ocorrências com as construções [vai saber] MD, conforme segue:

(25) Quem deixou cair este cordão de ouro nas antigas florestas pteridófitas, num passado distante quando as formas mais avançadas de vida no planeta eram anfíbios e insetos? *Talvez* um inseto rapper, **vai saber?!** ([ahduvido.com.br](http://ahduvido.com.br))

(26) A cada dia que passa, sinto que o dia do encontro está mais próximo, *isso se ele já não aconteceu sem que eu me atentasse para o fato*. **Vai saber**. Não pensei assim a vida inteira. Depois de uns certos tropeços, percebi que sexo, mesmo sem amor, pode ser mais que um prazer momentâneo. (<http://amelhordasintencoes.wordpress.com/2011/09/>)

Em contextos de MD, as informações que estão sob escopo da construção parecem contribuir para o “tom *irrealis*”. Assim como nos outros contextos de uso, os tempos verbais são diversos e parecem não seguir uma tendência. Assim, na maioria das vezes, a hipotetização é alicerçada no conteúdo proposicional em questão e em elementos que fazem parte da organização da informação como *talvez*, *às vezes*, etc. Além disso, há questões de força ilocucionária e particularidades prosódicas (sugeridas por traços gráficos), como se discutirá adiante.

#### 4.2. *Unidade semântica encaixada ou escopada*

As diferentes leituras da construção [vai saber] são influenciadas pelo tipo de complemento e, conseqüentemente, pelas propriedades semânticas que preenchem os espaços argumentais da construção. Nesse sentido analisamos esse critério considerando a hipótese de que o tipo de complemento tem influência sobre a construção.

No que se refere a esse parâmetro, priorizamos a discussão envolvendo os termos relativos a unidades encaixadas ou escopadas pela construção. A discussão envolvendo o sujeito da oração será mais bem detalhada em critério posterior. Esclarecido isso, em nossa pesquisa, identificamos diferentes complementos que acompanham a construção em análise, dentre os quais citamos: termo (27), estado-de-coisas (28) e proposição (29 e 30).

- (27) Esses pedaços de rochas e metal, ao entrar em contato com a superfície do planeta, pegam fogo e emitem tanta luz que, de longe, parecem uma estrela. Na CHC 180, você **vai saber** um pouco mais sobre o fenômeno das estrelas cadentes. ([cienciamao.usp.br](http://cienciamao.usp.br))
- (28) Graças a Deus que existe esse site, meu trabalho é para entregar amanhã, ninguém **vai saber** que não foi eu que fiz. Rs gostei da maneira abortada pelo Carlos Abreu, foi clara e rapta sem rodeios. ([atitudessustentaveis.com.br](http://atitudessustentaveis.com.br))

Proveniente do latim *sapere*, com significado relacionado ao sentido mais concreto de ‘*ter sabor*’ e ‘*sentir o paladar*’, o verbo *saber* passa a assumir o sentido mais abstrato de ‘*conhecer*’ por meio de um processo de transferência metafórica (BUENO, 1968). E é nesse campo semântico da percepção lógica que o verbo se destaca no vocabulário português brasileiro. Kapp-Barboza (2017), em um estudo descritivo sobre o verbo *saber*, destaca que todos os usos desse verbo se relacionam, de forma mais ou menos explícita, com noções de conhecimento e informação.

Nas duas ocorrências acima, o verbo *ir* modifica a predicação formada pelo verbo *saber*, imprimindo a ela a marca de futuridade. Em (27), o verbo *saber*, indica a capacidade ou possibilidade de aprender mais sobre o fenômeno das estrelas cadentes na CHC 180 e, em (26), o verbo está empregado no sentido de receber informação sobre algo. Percebe-se que o complemento de *saber* representa um termo (27) e um estado de coisas (28). Sintaticamente, a construção faz parte da ordenação SVO, o verbo *saber* se integra ao verbo *ir* (conjugado em 3º pessoa), de modo que passam a atuar juntos operando na organização da predicação.

Em ocorrências em que a construção atua como perífrase de futuridade, ressalta-se, ainda, que flexões podem ser observadas como em (29) e (30):

- (29) Parte 3 de 5 Já aprendemos o que são Startups e quais suas características básicas. Agora **vamos saber** um pouco mais sobre o assunto através de quem vivencia na prática! ([abrindoojogo.com.br](http://abrindoojogo.com.br))
- (30) Não discutiremos o significado da palavra cor. Uma cor vai ter uma URI (um código). As máquinas **vão saber** o que é uma informação e os programadores definirão o que fazer com ela. (<http://amaivos.uol.com.br>)

Diferentemente de usos mais discursivizados, a perífrase [vai saber] indicativa de futuridade aceita flexões de números e pessoa.

As ocorrências (31) e (32) ilustram um comportamento diferente, mais cristalizado, identificado nesta pesquisa:

- (31) Não é uma questão de opinião ou de personalidade. Não existe isso de "Não gosto de mulheres, então vou ameaçar e agredir mulheres em posição de comando". Não é uma escolha individual. Também pode ser interessante que algum dos professores homens que ele ouve e respeita fale com ele. **Vai saber se o aluno não está metido em um dos muitos fóruns e blogs misóginos disponíveis na internet.** ([escrevalolaescreva.blogspot.com](http://escrevalolaescreva.blogspot.com))
- (32) Imagina, hoje são mais de 220 mil pessoas que me seguem, muita gente diferente de mim, com outra vivência, outra vida. Às vezes uma pessoa aparece ali no instagram e me xinga a troco de nada, e eu penso... **Vai saber se essa pessoa acabou de brigar com a mãe e está revoltada?** ([imagem pessoal.band.uol.com.br](http://imagem pessoal.band.uol.com.br))

Essas duas ocorrências explicitam casos em que a conjunção *se* aparece incorporada à construção *vai saber*. Com um comportamento semelhante ao descrito por Sousa (2007) sobre a construção ‘*quem sabe se*’, parece que ‘*vai saber se*’ se constitui como um caso em que, pela baixa integração entre as orações componentes ocorre a adjunção do *se* à perífrase *vai saber*, em uma reanálise da conjunção como parte da “matriz”. Em contextos como em (31) e (32), ‘*vai saber se*’ funciona como um marcador dubitativo, que chamaremos de [vai saber] MARCDUB com valor próximo ao do advérbio *talvez*. Observe-se abaixo a paráfrase das ocorrências:

- (33)
- a. **Vai saber se** o aluno não está metido em um dos muitos fóruns e blogs misóginos disponíveis na internet.
- Talvez** o aluno esteja metido em um dos muitos fóruns e blogs misóginos disponíveis na internet.

- b. **Vai saber se** essa pessoa acabou de brigar com a mãe e está revoltada?  
**Talvez** essa pessoa tenha acabado de brigar com a mãe e está revoltada

Os termos em destaque em (33a) e (33b), estão em condição de semelhança, mas não são idênticos. Uma primeira distinção é quanto à combinação de cada marcador com o modo dos verbos: *talvez* se relaciona com verbos na forma de subjuntivo, enquanto *vai saber se* está ligado a verbos no indicativo. Além dessa questão, há, também, uma diferenciação pragmática: *vai saber se* faz com que o interlocutor seja, de certo modo, impelido a emitir um parecer, acerca da validade da proposição enunciada pelo falante (não asseverativo e com baixo comprometimento), fenômeno que não se observa quando do emprego de *talvez*.

Esse fenômeno mostra-se interessante para nossas discussões, pois, nesse tipo de uso, a construção mostra diferenças significativas quando comparadas à perífrase indicativa de futuridade. Com relações sintáticas mais frouxas, maior abstratização semântica e articulação a proposições, o [vai saber] MARCDUB, pode ser o ‘gatilho’ para o surgimento de usos como os que apresentamos a seguir:

- (34) Às vezes... **vai saber**... pode ser loucura minha... mas já pararam pra pensar nesses produtos que a pessoa ingere... se não tem alguma substância que deixe a pessoa dependente do produto... ou que eh alguma experiência de algum laboratório... pois anos atrás um governo aí fez experiências com pessoas que tinham alguma doença... falando que estavam testando remédios... mas na verdade estavam injetando materiais radioativos para saber a reação do corpo... eh meio que teoria da conspiração rsrs.... ([braznet.org](http://braznet.org))
- (35) Tudo (tudo o que vc possa imaginar tem aí, sério). Parece mentira, mas não é. Essa pizza se chama Double Roll Pizza e é da Pizza Hut lá no oriente. Tem até carne de porco no meio, só falta torresmo. E se bobear deve ter até algumas gotinhas de cerveja no meio... **vai saber!** ([cutucanao.com.br](http://cutucanao.com.br))

Em usos de valor discursivo, o verbo *saber* perde por completo sua estrutura argumental, deixando de exigir complemento. Percebe-se que [vai saber] MD é sintaticamente independente, por ser seguida de pausa (indicada pelos sinais gráficos) e por não operar como matriz de outra oração, sendo uma construção que não é composicional, pois seu significado não depende de cada uma de suas partes constitutivas.

Usos como os exemplificados em (34) e (35) são utilizados pelo locutor como estratégia discursiva. A função do que estamos chamando de MD pode variar conforme o conteúdo sobre o qual incide. Sintaticamente, *vai saber* nessas ocorrências, perde o status de unidade com função essencial à organização da sentença e passa a atuar como um parêntese (THOMPSON; MULAC, 1991; JUBRAN, 2006), ganhando maior liberdade sintática. Da mesma forma, no campo do significado observa-se uma abstratização no significado, perdendo a noção de marcador de futuro e atuando no nível de organização do discurso.

Em (34), o falante utiliza a expressão *vai saber* como uma estratégia de afastamento a fim de não se comprometer com o conteúdo que será exposto na sequência. Com atuação semelhante ao de parentéticos epistêmicos (Thompson; Mulac, 1991, Gonçalves, 2003, Fortilli, 2013), é utilizado pelo falante antes de uma exposição de certo modo polêmico sobre a contaminação de produtos ingeridos pela população e a teoria de que o governo fazia experiências radioativas. Nesse dado, é possível fazer a seguinte leitura: *eu não sei*, mas é possível que existam produtos que causem dependência, ou experiências sendo realizadas em laboratórios – o que mostra que, apesar de fazer tal afirmação, o falante busca não se comprometer com a veracidade daquilo que expôs, deixando claro desde o início que ele também tem dúvidas a respeito dos fatos.

O comportamento de [vai saber]<sub>MD</sub>, em (35), é semelhante. O falante faz uma afirmação, já modalizada, sobre uma pizza encontrada no oriente “E se bobear deve ter até algumas gotinhas de cerveja no meio” e, logo em seguida, utiliza a expressão *vai saber* para não se comprometer com aquela afirmação. Considerando o contexto dessa interação, entendemos porque o falante se preocupa tanto em deixar claro que aquilo não é uma verdade – o oriente é uma parte do mundo majoritariamente muçulmana em que o consumo de bebida alcoólica é um fator polêmico e delicado. Dessa maneira, mesmo que tenha sido feita em tons de sarcasmo, o falante sente a necessidade de deixar claro ao seu ouvinte de que, a afirmação não representa necessariamente uma verdade.

#### 4.3. Força Ilocucionária

O funcionalismo busca explicar os enunciados produzidos nas línguas relacionando-os com as predicções dos estados-de coisas considerando os papéis semânticos que envolvem as funções sintáticas. Se a língua é um instrumento de interação, todo o enunciado produzido possui um objetivo, uma significação e, conseqüentemente uma força ilocucionária. É a força

ilocucionária que indica o modo pelo qual se deve buscar a significação da proposição (como uma advertência, uma promessa, uma declaração, um pedido, etc.).

Com base em observação preliminar, identificamos possível influência do tipo de força ilocucionária nas diferentes faces de *vai saber*, portanto discutiremos a sua atuação nos enunciados coletados. Consideramos a hipótese de que as construções completivas introduzidas por *se*, encaixadoras ou escopadoras de determinada unidade (termo, EsCo ou proposição), com força ilocucionária interrogativa podem ser um gatilho para a formação da construção [vai saber]<sub>MD</sub>, sendo naturalmente relevante, nesse percurso, os traços de força ilocucionária das demais construções envolvidas.

Para a discussão desse parâmetro consideramos a menção de tipos de força ilocucionária de Hengeveld e Mackenzie (2008), a saber:

- Força ilocucionária declarativa. O falante informa o ouvinte acerca do conteúdo proposicional evocado pelo conteúdo comunicado em sua enunciação.
- Força ilocucionária interrogativa. O falante solicita do ouvinte uma resposta para o conteúdo proposicional evocado pelo conteúdo comunicado.
- Força ilocucionária imperativa. O falante direciona o ouvinte para que este realize a ação evocada no conteúdo comunicado.
- Força ilocucionária optativa. O falante indica ao ouvinte seu desejo que a situação positiva evocada pelo conteúdo comunicado ocorra.
- Força ilocucionária exortativa. O falante encoraja a si próprio, ou a si e a outrem, para que juntos realizem a ação envolvida no conteúdo comunicado.
- Força ilocucionária admirativa. O falante expressa sua surpresa quanto ao conteúdo proposicional evocado pelo conteúdo comunicado.

(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 71 e72)<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Cf. Original. “Declarative: the Speaker informs the Addressee of the propositional content evoked by the communicated content.” (p.71).

“Interrogative: the Speaker requests the Addressee response to the propositional content evoked by the communicated content.” (p.71).

“Imperative: the Speaker directs the Addressee to carry out the action evoked by the Communicated Content.” (p.71).

“Optative: the Speaker indicates to the Addressee his/her wish that the positive situation evoked by the communicated Content should come about.” (p.71).

“Hortative: the Speaker encourages himself or an Addressee together with himself to carry out the action evoked by the Communicated Content.” p.72).

Isto posto, iniciamos a discussão com a construção [vai saber] PERFUT:

- (36) Embora vários apps tenham mudado a aparência, mexer neles continua muito fácil. Desde o início você já **vai saber** como usar o sistema operacional para dispositivos móveis mais avançado do mundo. ([apple.com](http://apple.com))
- (37) Gilvana Batista Soares, tudo bem? Esse site não tem relação com a clínica Martins e Godoy e com nenhuma outra clínica, loja, empresa... Mandando um comentário aqui, o pessoal da clínica Martins Godoy *não* **vai saber** do ocorrido. Tem que entrar em contato com a clínica mesmo ou ir lá, já que pelos comentários é difícil de atenderem o telefone. ([apontador.com.br](http://apontador.com.br))
- (38) Já estou acostumado com os católicos. Segue somente um pouco sobre a religião que vocês professam e nem conhecem. A igreja católica se afastou das verdades da Bíblia Sagrada, por interesses próprios. Busque o conhecimento da sua religião que você **vai saber** do que eu estou falando. ([blogopovo.com.br](http://blogopovo.com.br))

Nas três ocorrências acima descritas, é possível perceber que a força ilocucionária que gira em torno de *vai saber* é a declarativa. Em (36) o falante está informando seu interlocutor de que ele saberá utilizar o sistema operacional para dispositivos móveis mais avançados do mundo desde o início. Em (37), embora tenhamos uma negação, a mesma força atua. Neste caso, notamos a atuação da força declarativa negativa, uma vez que o falante informa ao interlocutor que a clínica Martins Godoy não tomará conhecimento sobre o ocorrido pelos comentários feitos no blog. Em (38), por sua vez, temos a presença de duas forças – em um primeiro momento, o falante procura direcionar o interlocutor para executar a ação de buscar conhecimento sobre a religião que pratica (força ilocucionária imperativa), em seguida ele declara que tendo esse conhecimento, o interlocutor entenderá o que o falante quer dizer (força ilocucionária declarativa).

O que mais nos interessa para essa pesquisa é a força que atua na oração que envolve diretamente *vai saber* que, na maioria dos casos, é a força declarativa. Encontramos, entretanto, algumas ocorrências como exemplificado em (39):

- (39) Parece que está em mil, mil e duzentas pessoas desaparecidas. Mas também se um japonês aparece, como você **vai saber se** ele estava sumido? Todos são iguais. ([braznet.org](http://braznet.org))

---

“Mirative: the Speaker expresses his surprise about the propositional content evoked by the communicated contend.” (p.72).

Em (39) a força que atua sobre a construção é a interrogativa. Nesse dado, o falante levanta uma hipótese e apresenta uma hipótese “se um japonês aparece”, em seguida questiona o interlocutor sobre como saberá se esse mesmo japonês estava sumido. Conforme já discutido, a partícula *se* parece ter papel na mudança que buscamos descrever nessa dissertação, e, neste tipo de ocorrência, parece influenciar no tipo de força ilocucionária. O que pode ser verificado em outros contextos comunicativos, conforme os dados a seguir.

- (40) Tive depressão por uns 2 anos e meio e só me curei quando passei por algumas sessões de psicólogo e descobri o feminismo. Eu me libertei, sabe? Gente, para de dar tanto íbope para o ânimo! Penso que a discussão perdeu o foco. Quem escreveu o post está precisando de acolhimento. Alguém sabe como ajudá-la a encaminhar essa queixa? Mas por favor, vc precisa procurar ajuda! Querer esquecer não vai adiantar. Precisa denunciar esse cara, **vai saber se** ele já não fez isso outras vezes ou pode fazer? ([escrevalolaescreva.blogspot.com](http://escrevalolaescreva.blogspot.com))
- (41) Reinaldo Azevedo, que também não morre de amores pela Marina, já previa que ela seria vítima de um bombardeio do “politicamente correto” por causa de sua posição sobre certos temas. **Vai saber se** essa discussão sobre o criacionismo na escola foi reflexo da “blitz midiática”? Curiosamente, a própria Sociedade Criacionista Brasileira é contra o ensino do criacionismo nas escolas, como me disse o biólogo criacionista Tarcísio Vieira em uma entrevista. ([cafecomdeus.com.br](http://cafecomdeus.com.br))

Os dados em (40) e (41), representam os usos da construção [vai saber] MARCDUB. Ao analisar a força ilocucionária desse contexto, identificamos a atuação da força ilocucionária interrogativa. Nas duas ocorrências nota-se que o falante levanta hipóteses em tom interrogativo. Em (40), a hipótese é de que “ele já fez isso outras vezes ou pode fazer” – aqui, o falante parece questionar um interlocutor indeterminado e virtual sobre a possibilidade levantada. Esse movimento cria um cenário de dúvida e incerteza. Em (41), identifica-se a mesma estratégia – o falante lança um questionamento, que não está direcionado a nenhum interlocutor real, atribuindo um tom hipotético ao que diz em seguida, ou seja, afirmando que há possibilidade ou não das discussões sobre o criacionismo na escola serem reflexo da “blitz midiática”.

A força ilocucionária interrogativa, observada em todos os casos de [vai saber] MARCDUB, solicita, retoricamente, uma resposta do interlocutor para o conteúdo que está sendo comunicado. Isso permite ao falante, “jogar a responsabilidade” de decisão sobre a veracidade daquilo para o interlocutor, não se comprometendo fortemente, assim, com a informação veiculada.

Esse cenário de dúvida, incerteza e não comprometimento pode ser o que levou à reanálise de *vai saber* para usos ainda mais abstratos.

- (42) Oi Dani! Procurei muito pela net sobre essa cidade, mas dá a impressão de que não vai tanta gente para aí. Faltam informações em geral (ou talvez eu não tenha procurado direito. **Vai saber**.). Na verdade, já conheço seu blog de um bom tempo, mas nem lembrava mais dele. ([ducsamsterdam.net](http://ducsamsterdam.net))

Em ocorrências como (42) a delimitação de uma força ilocucionária não é clara. Apesar da aparência declarativa, quando a construção aparece de forma mais discursivizada, o que atua é o contorno suspensivo (indicado pelo isolamento gráfico da construção) que sugere um tom interrogativo que, por sua vez, instaura uma hipótese, dúvida ou incerteza ao conteúdo sobre o qual recai o [vai saber] <sub>MD</sub>. Neste dado, *vai saber* é uma construção independente, não apenas sintática, mas também ilocucionalmente que atua como um ato de fala completo.

#### 4.4. Manifestação do sujeito

Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração (BECHARA, 2015, p. 427). O sujeito é um termo essencial de uma oração, uma vez que corresponde ao SN que compõe de maneira imediata uma frase verbal e, a partir do qual demais funções sintáticas podem ser desempenhadas. O sujeito é um dos complementos verbais e, conforme já afirmado, o tipo de complemento e, conseqüentemente, as propriedades semânticas que preenchem os espaços argumentais influenciam no modo de atuação das construções linguísticas.

A presença (ou não) de sujeito é um fator importante para a caracterização e identificação das diferentes possibilidades de atuação da construção dentro no contexto comunicativo. Sendo assim, iniciaremos as discussões pela construção [vai saber]<sub>PERFUT</sub>.

- (43) Mantenha o caminho por onde passa um deficiente visual limpo e desimpedido: objetos fora de lugar podem causar acidentes. -- Para mostrar onde está uma cadeira, basta colocar a mão do deficiente visual no encosto da mesma: ele **vai saber** onde ela está e vai se sentar sem problemas. ([asac.org.br](http://asac.org.br))
- (44) Meu irmão, minha irmã, seres humanos não são oniscientes. Você quer que eles entendam o que você pensa? DIALOGUE com eles. Não pressuponha que eles vão te compreender por serem pessoas “sensíveis” ou o que for. Ninguém **vai saber** o

que você pensa, quais são suas razões e motivações, quais são os seus projetos e planos... se você não fala. ([apenas1.wordpress.com](http://apenas1.wordpress.com))

- (45) Teste a ideia com a segurança do seu trabalho, a hora que sentir que pode dar o próximo passo, procure estratégias para automatizar ao máximo o negócio (vendas, atendimento, faturamento, suporte) e tome coragem! Se você não tentar como **vai saber se** poderia ter dado certo? ([blog.maistempo.com.br](http://blog.maistempo.com.br))

Quando constituindo perífrase sobre *saber*, o verbo *ir* pode imprimir valor de tempo, mais especificamente de futuridade, como em (43), (44) e (45). Essa leitura é possível quando a perífrase faz parte da ordenação SVO operando na organização da predicação e quando existe um sujeito ao qual o verbo (ou perífrase) faz referência. Esses usos permitem a variação modo-temporal e número-pessoal do verbo *ir*, uma vez que o que se tem é uma relação de auxiliaridade, como se vê nas ocorrências a seguir:

- (46) Resumindo, Cabral vai pagar quase R\$ 700 milhões por profissionais terceirizados que o Estado não precisa e já possui. E o pior é que nos corredores da secretaria de Educação, a boca pequena, já se fala que o Grupo Facility, do empresário Arthur César, o popular Rei Arthur, exilado em Miami, que já fornece empregados terceirizados às escolas em outras áreas, é quem vai levar a bolada. **Vamos saber** em breve quem são os deputados que vão aprovar essa negociata. E com isso Cabral vai quebrar ainda mais as finanças do Estado. ([blogdogarotinho.com.br](http://blogdogarotinho.com.br))
- (47) [...] e, por outro lado, gerenciamos “processos”, temos o cuidado “prévio” de estudá-los e defini-los muito bem (se não estabelecemos as melhores práticas, cada pessoa da equipe pode seguir um processo informal, particular, destruindo a possibilidade de “consistência”...). Bem definido e compartilhado o processo, caem as quantidades de dúvidas e imprevistos: as pessoas da equipe **vão saber** o que, quando e como fazer, tanto na regra como nas exceções. ([aisapereira.blogspot.com](http://aisapereira.blogspot.com))

Como expressão de futuro, *ir*, em (46), está flexionado no presente do indicativo e primeira pessoa do plural, equivalendo a *saberemos* e, em (47), na terceira pessoa do plural, *saberão*, concordando, respectivamente, com os sujeitos *nós* (desinencial) e *pessoas da equipe*.

Ainda, no tocante à forma, nos contextos de uso em que há a referência de um sujeito, a perífrase admite a negação, como podemos observar em (48) e (49).

- (48) Nunca deixe um cachorro adulto roer roupas e sapatos, principalmente estes, que retêm mais o seu cheiro. Melhor, nunca dê nada para seu cachorro roer que seja parecido com alguma coisa que não quer que ele roa. Ele **não vai saber** a diferença entre a bota velha que ganhou para brincar e seus novos tênis de caminhada. ([casa.hsw.uol.com.br/como-resolver-problemas-comportamentais-dos-caes4.htm](http://casa.hsw.uol.com.br/como-resolver-problemas-comportamentais-dos-caes4.htm))
- (49) Se o objetivo é manter a rotatividade e produção de capital a partir do capital, eu creio que nosso futuro é a servidão ou a escravidão pelo capital. Mas é claro que nós **não vamos saber** ou perceber quando essa hora chegar. Quiçá já até chegou e eu não percebi. Você acha que os servos do feudalismo sabiam que eles eram servos e eram bobos? (<http://dce.unifesp.br/omanuscrito.html>)

Em (48), o que se nega é a realização futura do ato de saber, no sentido de identificar diferenças entre uma coisa e outra; em (49) o que se tem é a negação de uma futura percepção sobre uma situação.

Quanto à composicionalidade, notamos que é possível, em certa medida, analisar cada uma das partes que compõem a construção em exame, uma vez que podemos identificar o valor de *ir* com relação ao verbo *saber* (futuridade) e conseguimos depreender o sentido do verbo *saber* e sua funcionalidade a partir da análise de seu complemento que nestes dados indicam identificação para diferenciar entre duas coisas e percepção.

Por outro lado, em outro contexto, como em (50) e (51) percebemos uma leitura diferente, com mudança formal e de significado. Vejamos:

- (50) Claro, eles vão fazer muxoxos e dizer que o que vale mesmo, de verdade, é patinar no gelo natural, e tal e coisa, mas gelo natural requer prática (o gelo é irregular), um pouco perigoso (todo ano tem um mané que se arrisca no gelo fino e se estrepa, em alguns casos ocupando os bombeiros e exigindo resgate), e, principalmente, não segue calendário humano, podendo ser pouco conveniente – **vai saber se** vai ter gelo natural quando você estiver aqui? ([ducsamsterdam.net](http://ducsamsterdam.net))
- (51) Tenho as minhas dúvidas se ele consegue vender o carro, pois o carro provavelmente nem faturado deve estar e para isso ele terá que emitir uma NF. **Vai saber se** ele ainda consegue emitir essa NF. ([noticiasautomotivas.com.br](http://noticiasautomotivas.com.br))

Uma das diferenças formais entre as ocorrências (50) e (51) e as anteriores é a perda de sujeito. Esse fenômeno ocorre de maneira alinhada à junção e reanálise da partícula *se*, que

passa a ser parte integrante da oração matriz (SOUSA, 2007). A construção passa a funcionar como um marcador gramatical com valor dubitativo, que chamamos [vai saber] MARCDUB. Além disso, há restrição de tempo-modo e número-pessoa da construção, não sendo mais observada a variação. Observe-se a tentativa de substituição a seguir:

- (52) \***vamos saber se** vai ter gelo natural quando você estiver aqui.  
 (53) \***Vou saber se** ele ainda consegue emitir essa NF.

Com o teste realizado em (52) e (53), percebemos que, apesar de ser gramaticalmente possível, a variação modo-temporal modifica significativamente o sentido da construção. A instauração de dúvida não é mais percebida e o que se tem é uma leitura de futuridade instaurada pela perífrase verbal seguida de conjunção integrante *se*.

Quando encontrada em usos ainda mais discursivizados, as construções apresentam comportamento próprio. Para melhor detalhamento, as construções de *vai saber* com valor discursivo, que chamamos de [vai saber] MD, podem ser verificadas a seguir.

- (54) No entanto, o filme não tem a intenção de resgatar suas memórias, preferindo desvendar as relações trabalhistas e afetuosas das depoentes com seus patrões, pois a partir do momento que os filhos da classe média alta aceitam registrar o dia a dia das serventes e lhes fazer entrevistas, já é notável o grau de aproximação entre eles, podendo inclusive relativizar se essas mulheres aceitaram ser filmadas por uma eventual insegurança de serem demitidas caso negassem. **Vai saber**. Doméstica trabalha uma temática intrínseca à cultura brasileira. ([gazetamaringa.com.br](http://gazetamaringa.com.br))
- (55) Também há uma empantulhação de que a campanha de desarmamento diminuiu os crimes na época. Assim, por mágica. Parece que a bandidagem viu a campanha na TV e se sentiu mais culpada, **vai saber**. Enquanto isso se prendia mais em SP e muito professor de Direito Penal achava isso um absurdo. ([implicante.org](http://implicante.org))

Usos como os exemplificados em (54) e (55) são utilizados pelo locutor como estratégia discursiva. Como MD a construção atua na organização do discurso, sendo usada pelo locutor como estratégia para reduzir o seu nível de comprometimento sobre a afirmação inserindo uma partícula de hipótese, um cenário possível que ele gostaria de compartilhar, ainda que com baixa responsabilidade sobre tal. Nesse sentido, não há sujeito ou vestígios de uma ligação sintática mais firme entre a construção *vai saber* e a frase hospedeira.

Além disso, por não terem um sujeito, [vai saber]<sub>MD</sub>, não admite negação, conforme se percebe pela paráfrase feita a partir dos dados (54) e (55):

(56) \*[...] já é notável o grau de aproximação entre eles, podendo inclusive relativizar se essas mulheres aceitaram ser filmadas por uma eventual insegurança de serem demitidas caso negassem. **Não vai saber.** Doméstica trabalha uma temática intrínseca à cultura brasileira.

(57) \*Parece que a bandidagem viu a campanha na TV e se sentiu mais culpada, **não vai saber.**

Como se pode observar em (56) e (57), o acréscimo de negação claramente destitui o valor discursivo dessas construções, tornando-as desprovidas de sentido e inadequadas ao contexto de uso.

A ausência de sujeito reafirma a cristalização da construção e reforça a asserção de que a atuação de *vai saber*, nesses contextos, é alheia à estrutura oracional que, embora não contribua diretamente para o conteúdo referencial em si, assistem para a “sua modalização e para o seu movimento organizacional, ao inscrever nele condições ou circunstâncias variadas de enunciação” (RISSO; SILVA; URBANO, 2006, p. 409).

#### 4.5. *Material Interveniente*

O valor da construção pode mudar conforme sua forma e elementos do discurso aos quais se liga. No que se refere à presença de material interveniente entre *vai* e *saber*, percebemos a existência de poucas ocorrências. Para quantificar, encontramos oito dados de [vai saber]<sub>MARCDUB</sub>, e dezesseis de [vai saber]<sub>MD</sub>, com as seguintes partículas: *se* e *lá*.

Relações de auxiliaridade, como as que ocorrem em contextos de uso de [vai saber]<sub>PERFUT</sub>, não admitem a presença de material interveniente. Fato que pode estar relacionada ao alto grau de integração entre esses dois verbos que atuam como uma variante da formação de futuro no português. Por outro lado, quando a construção começa a sofrer abstratização de significado, passa a aceitar certas partículas entre os verbos *ir* e *saber*. Os dados (58) e (59) retratam a presença do material interveniente *se* nas construções [vai saber]<sub>MARCDUB</sub> e [vai saber]<sub>MD</sub>.

- (58) Quem avistar um amontoado de motocicletas Harley Davidson pode passar ao largo porque tem um bando de arruaceiro no pedaço, a menos que seja uma revenda da marca. Nas maluquices das jogadas de marketing, **vai se saber se** bad boys como Bolsonaro não são meros garotos propaganda! ([desacato.info](http://desacato.info))
- (59) Quando responsável pela Pastoral da Assistência Social na Paróquia de Cascatinha, eu dizia aos que comigo faziam o recolhimento de quilos de casa em casa: "Sorriam, deem bom dia, agradeçam mesmo que não doem nada. Talvez sejam os únicos gestos de civilidade e, portanto, caridade, que estas pessoas vão receber durante todo o dia -- quiçá na vida, **vai se saber...**" Não é difícil fazer o bem. ([oficinadevalores.blogspot.com](http://oficinadevalores.blogspot.com))

Nesses dados, verificamos a presença da partícula *se* impessoal entre os verbos *ir* e *saber*, respectivamente, em [vai saber]<sub>MARCDUB</sub> e [vai saber]<sub>MD</sub>. Embora a impessoalidade seja uma característica já presente nessas construções devido à ausência de um sujeito referente, a possibilidade de inserção do material interveniente parece contribuir para um nível mais alto de abstratização e impessoalidade. Além disso, a partícula de impessoalidade parece incidir sobre ambos os verbos e contribuir para a mudança de significação da construção como um todo.

- (60) Isso dito, ou escrito, se eu tivesse um blog -- e eu não tenho -- eu não publicaria. Não "para não dar a palavra a estuprador", mas porque não confiaria em "depoimento" via internet. Sem conhecer a pessoa, **vai lá saber se** a estória é assim mesmo, ou se é pura invencionice? ([escrevalolaescreva.blogspot.com](http://escrevalolaescreva.blogspot.com))
- (61) Olá Nelson, gostaria de esclarecer umas dúvidas, se pudesse me responder eu ficaria muito agradecido!! É o seguinte, tenho um amigo que tipo é irmão, pois foi enviado pela minha Ya. Ele me diz que não incorpora no orixá, só que ele foi feito como yã, e diante de alguns acontecimentos dentro da religião ele incorpora (bom ou finge, né? **Vai lá saber**) [ rrsr ], e também ele me confessou que quando estava com o kele no pescoço se masturbou, e o kele não quebrou e nem ele incorporou!!! Sabe, eu não sei oque dizer a ele, mas, tipo assim, ele foi feito pow como rodante e não incorpora?? isso é possível?? ([ocandomble.wordpress.com](http://ocandomble.wordpress.com))

Em (60) e (61), por sua vez, o advérbio locativo —*lá* que carrega sentido de “dêitico espacial com função de localizar pontos no espaço mais distantes do falante e do ouvinte” (Martelotta, 1996, p. 240) ganha valor textual-discursivo, pelo afastamento do seu valor lexical original. Dessa forma, a possibilidade de inserção do locativo nas construções parece colaborar para um maior distanciamento do falante.

Sambrana (2017), ao estudar MD compostos por locativos, alega que “o locativo *lá*, uma vez metaforizado para sentidos de extrapolação e/ou distanciamento, aponta para o espaço abstrato discursivo onde sentidos já foram negociados e os extrapola, os remete para longe dos interlocutores” (p. 99). Nesse sentido, a presença desse locativo nas construções [vai saber]<sub>MARCDUB</sub> e [vai saber]<sub>MD</sub>, parece marcar um maior descomprometimento do falante sobre o conteúdo discutido, isentando-o ainda mais das responsabilidades dos sentidos que são negociados no contexto da interação.

De modo geral, observamos que em contextos de futuridade, a construção não admite a presença de material interveniente. As construções que admitem são a marcadora dubitativa e o MD, mas essa admissão parece estar limitada às partículas *se* e *lá* que contribuem para o sentido de incerteza, dúvida e descomprometimento. Sendo assim, a baixa frequência de ocorrências com material interveniente corrobora com nossa hipótese de amalgamento e a criação de um *chunking* que envolve *vai saber se* e cria as condições para o emprego de *vai saber* MD.

#### 4.6. Posição da construção em relação à oração

A partir desse fator, pretendemos investigar e discutir os diferentes graus de liberdade sintática presentes na construção nos seus diferentes modos de atuação dentro dos enunciados de uso real. O objetivo dessa investigação é identificar diferenças formais entre as construções aqui estudadas. Nossa hipótese é de que, em contextos de MD, a construção apresente maior liberdade sintática podendo aparecer em diferentes posições.

A posição da construção dentro da oração está intimamente ligada à relação sintática de *vai saber* com a estrutura oracional de que faz parte. Observamos que [vai saber]<sub>PERFUT</sub> e [vai saber]<sub>MARCDUB</sub> apresentam-se, sintaticamente, mais dependentes, com funções essenciais à organização da sentença. Por outro lado, [vai saber]<sub>MD</sub> mostra maior mobilidade sintática indo ao encontro dos resultados encontrados por Risso, Silva e Urbano (2006) de que os MDs são, em sua maioria, sintaticamente independentes.

- (62) É preciso dizer tudo sem medo, pois assim seu parceiro **vai saber** exatamente o que fazer para levá-la ao êxtase! Aproveite e pergunte a ele o que ele gosta que você faça para ele, afinal, sexo é feito entre duas pessoas e ambas devem ser estimuladas, uma pela outra. E, se ele vai agradá-la, que tal você também fazer o mesmo? ([ajudaemocional.tripod.com](http://ajudaemocional.tripod.com))



- (66) A segunda situação que surgiu nessa semana é ainda mais complexa: Rooney quer um contrato novo com o United e disse que não quer sair. Isso vai na direção oposta do que disse hoje Michel Moulin, criador do 10 Sport. O rapaz, que trabalhou por um curto período de tempo no PSG em 2008, falou que fontes seguras (**vai saber**) confirmavam que a transferência de Rooney para o PSG já está acertada. ([oldtraffordbr.com](http://oldtraffordbr.com))

A liberdade sintática da construção permite que a instauração de dúvida recaia sobre qualquer informação. Em (65), construção aparece em posição final e a incerteza recai sobre a oração “*eu acho melhor deixar ali quietinha*” que já foi modalizada pela utilização do verbo *achar*. Em (66), [vai saber]<sub>MD</sub>, aparece na posição medial e a dúvida recai sobre “*fontes seguras*”.

De modo geral, a partir dos dados analisados, nota-se que, ao atuar em contextos de MD, a construção apresenta-se “alheia” à estrutura canônica da sentença, ou, nos termos da gramática tradicional, não desempenha função essencial. Tal comportamento, conseqüentemente, contribui para o ganho de liberdade sintática e para utilização do MD em diferentes posições dentro do discurso.

#### 4.7. *Transparência semântica*

Esse critério lida com o significado da construção. Uma construção é transparente quando apresenta o sentido lexical, mais pleno e com significação de natureza biopsicossocial, ou o sentido gramatical ou procedural, observado em afixos, aposição, conjunção etc., além de funções relacionais (RISSO; SILVA; URBANO, 2006, p. 410). Em seus estudos sobre MDs, os mesmos autores revelam que o conteúdo gramatical ou lexical da construção passa por um processo de acomodação semântica. Esse processo pode motivar a perda parcial ou total da transparência. Perda essa que é compensada pela incorporação de novos semas associados ao enquadramento textual-discursivo quando a construção atua em contextos de MD.

No tratamento da mudança linguística pelo viés construcional, a transparência nos permite discutir e identificar os diferentes graus de composicionalidade de uma construção. A composicionalidade, segundo Traugott e Trousdale (2021), é um fator que diz respeito à transparência entre forma e função da construção. Se uma construção tem maior grau de

composicionalidade, um falante compreende e codifica o significado dos itens da construção individualmente. Por outro lado, se a construção tiver uma composicionalidade menor, o falante compreenderá apenas o significado global da construção. Observe as ocorrências a seguir.

(67) Jogos como bf3 com sincronismo em nuvem facilmente podem ser rastreados e a EA **vai saber** que o jogo que você diz não ter gostado você já zerou. Se zerou e gastou 5, 10, X horas você jogou. Se não todos farão a mesma coisa. Zeraram o jogo e falam que não gostaram. Quem não gosta não joga e pronto. Troca o game. ([adrenaline.uol.com.br](http://adrenaline.uol.com.br))

(68) Mas nada melhor do que a CONVERSA FRANCA! Chega e fala! Claro que existem maneiras e maneiras... Você pode escutar um sim ou um não, mas só **vai saber** se chegar junto e conversar, jogar a real! ([/amelhordasintencoes.wordpress.com/2009/08/15/pergunta-da-leitora-sera-que-e-o-fim](http://amelhordasintencoes.wordpress.com/2009/08/15/pergunta-da-leitora-sera-que-e-o-fim))

Inúmeros estudos como Gibbon (2000), Silva (2006) e Malvar e Poplack (2008), demonstram uma preferência no uso do futuro perifrástico formado por *ir* + *infinitivo* a partir do século XX. As ocorrências em (67) e (68) apresentam usos de *vai saber* com uma leitura de futuridade. Consideramos essas leituras parcialmente transparentes uma vez que o verbo *ir* já se encontra em um uso mais gramatical do que o seu sentido primeiro (de deslocamento espacial) e o verbo *saber* conserva a sua caracterização de verbo de cognição que demonstra “conhecimento por parte do referente do sujeito da sentença principal” (Gonçalves; Sousa; Casseb-Galvão, 2008, p. 10) ou como um verbo “factivo epistêmico” (Neves, 2000) que, quando complementado por oração, supõe que a pressuposição completiva seja factual do ponto de vista do falante.

Em (67), a perífrase pode ser lida como “saberá” e o trecho a EA **vai saber** que o jogo que você diz não ter gostado você já zerou deixa clara a interpretação factual de que a EA saberá que o usuário zerou o jogo. A interpretação está mais voltada para a certeza. Em (68), a perífrase verbal também é lida como futuro e indica que o sujeito (você) só tomará conhecimento sobre o fato em questão se “chegar junto e conversar, jogar a real”. Nesta ocorrência, a construção continua parcialmente transparente, apresentando comportamento semelhante ao percebido em (67), em que *vai* indica um deslocamento temporal para o futuro e *saber* indica o conhecimento do fato que, neste caso, está atrelado à condição ter uma conversa franca com a outra pessoa. Entretanto, algo diferente acontece nas ocorrências a seguir.

- (69) O nosso último filho nasceu com suspeita de microcefalia, depois de alguns exames foi diagnosticado anencefalia. Durante a gravidez não comentaram nada com nós sobre algum problema e mesmo que tivessem alertado garanto que nunca iria passar pelas nossas cabeças um aborto. Eu digo isso por que vale a pena, tudo vale a pena! Aquele anjo está mudando as nossas vidas, ele faz a nossa família se unir cada dia mais e digo mais, acredito em milagres, **vai saber se** DEUS não tem um plano em nossas vidas e pretende curá-lo? ([ghente.org](http://ghente.org))

Quando falamos em transparência, a interpretação em (69) mostra-se menos transparente do que as ocorrências anteriores. Neste dado, o verbo *ir* não recupera mais o sentido de deslocamento (espacial ou temporal) e *saber*, apesar de recuperar traços de conhecimento sobre um fato, não carrega mais traços indicativos de certeza. Desse modo, a construção como um todo significativo não é mais interpretada como uma certeza, pelo contrário, parece instaurar dúvida sobre o fato relatado, com significado próximo a *talvez*. Para comparação, veja-se também (70):

- (70) Mesmo sabendo que ele não tem como cair, porque o berço dele ainda está do lado da minha cama, eu fico com receio, sei lá, de ele acordar empurrar o berço. Bom, **vai saber...** esses pequenos são capazes de coisas que até Deus duvida. Prefiro não arriscar e com isso quem acaba mal sou eu. ([asdeliciasdodudu.com.br](http://asdeliciasdodudu.com.br))

Em (70), a construção apresenta um significado ainda menos transparente do que o percebido nas ocorrências anteriores. A proposição *esses pequenos são capazes de coisas que até Deus duvida* não carrega a mesma ideia de certeza ou ciência, advinda dos usos em que *vai saber* atua como perífrase conectora/encaixadora de um fato. Pelo contrário, nesta ocorrência a construção se relaciona com a atitude de incerteza e hipotetização em relação àquilo que sendo dito.

Ligado a isso está o fator composicionalidade da construção, que considera o grau de compatibilidade e incompatibilidade que se nota entre o significado das partes que a compõe e a correlação do significado do todo. Quando uma nova categoria é criada na língua ou um dos polos da construção sofre mudança, os elementos da construção têm sua sintaxe reconfigurada na captação da transparência de forma e sentido do constructo, da materialidade linguística da construção (SAMBRANA, 2017).

- (71) A grafia não iria se alterar mesmo, Chico Xavier e os médiuns em geral não são Impressoras HP pra ficar reimprimindo as mensagens com a grafia similar a dos autores desencarnados! Deve haver um mecanismo psíquico por trás disso, que influi na transcrição mediúnica! **VAI Saber!** Por isso que digo, o que deve se analisar é o conteúdo das mensagens, que desconfiam, já bastariam! ([ceticismoaberto.com](http://ceticismoaberto.com))

No caso (71), formalmente, a construção *vai saber* se encontra isolada do seu entorno oracional por dois pontos. Semanticamente, como MD, *vai saber* não faz referência ao futuro tampouco remete à ideia de que o falante tem conhecimento, ciência ou está informado sobre o evento envolvido no excerto. Sintaticamente, o MD *vai saber* não participa da ordenação SVO e, parece haver uma entonação própria, reforçada pelo isolamento entre pontuação. A forma da construção no modo indicativo e na 3ª pessoa do singular, sem ancoragem de pronome, induz o ouvinte a resgatar um sentido de incerteza. Assim, há uma reinterpretação da expressão que leva a um sentido mais epistêmico, em que o falante não quer se comprometer com aquilo que está afirmando.

De modo geral, os dados analisados mostraram que em contextos de MD como em (70 e 71) a construção estudada não é capaz de recuperar o sentido lexical e/ou estrutural da construção sinalizadora de futuridade. Dessa forma, a perda de transparência observadas em [vai saber]<sub>MD</sub> sinaliza uma mudança de significação da construção que, em contextos de MD, orienta-se para relações interacionais dentro do espaço discursivo. Além disso, os dados apresentados retratam e ratificam o que tem sido defendido pela abordagem construcional: usos com valor discursivo e menos composicionais têm menos relação com o significado lexical das partes que compõem a construção.

Destacamos, ainda que uma observação mais profunda dos dados sugeriu que, em alguns casos, há um tipo de manifestação de *vai saber* - MD que parece ter sob seu âmbito mais do que as proposições explicitadas, fazendo surgir um espaço mental um pouco mais difuso, em que não se recupera com certeza que informação está em seu escopo. Isso significa que não se pode precisar qual informação (ou parte dela) está sendo relativizada pelo teor de dúvida presente em [vai saber]<sub>MD</sub>.

O caso abaixo ajuda a esclarecer tal percepção:

- (72) Para fazer a prata coloidal, você vai precisar:
- Duas peças de prata, com 0,999999 de pureza, se não for pura, você vai contaminar a solução com outros elementos prejudiciais. Podem ser duas lâminas finas, ou tubulares etc. Limpe polindo ou utilizando lixa fina para não perder muita prata.
  - 3 baterias de 9 volts, ligue em série, uma na outra (...)

- 200 ml de água destilada. Compre em farmácia, não em posto de gasolina! **Vai saber...** ou faça a sua própria com um destilador caseiro.
- Mergulhe os fios de prata no copo de vidro, e com uma pinça em jacaré conecte aos polos da bateria. (...) ([arautodofuturo.wordpress.com](http://arautodofuturo.wordpress.com))

Com o conjunto de ocorrências analisado, não foi possível, nesta dissertação, apurar com mais detalhes como se implementa esse *vai saber* que parece inaugurar um espaço mental ancorado em informações diversas, possivelmente, advindas de uma infinidade de outros discursos capazes de indicar a informação que está sob o escopo da incerteza. Por isso, a questão da recuperabilidade da informação escopada pode ser retomada em estudos posteriores.

#### 4.8. *Pistas prosódicas*

Uma das características apontadas por diferentes autores, dentre os quais destacamos Risso e colaboradores (2006) e Traugott (2021), é a de que os MDs são frequentemente demarcados por pautas prosódicas. Como os nossos dados provém de um contexto em que a comunicação se dá por escrito, usamos a nomenclatura pistas prosódicas. Consideramos, assim como Traugott (2021), que o envelope prosódico na escrita é representado pelo isolamento da construção pelos mecanismos de pontuação gráficos (vírgula, reticências, parênteses, ponto).

- (73) E, como não acordou, logo chega- se à conclusão de que ele não tropeçou. Mas... Como? De boa, ele foi levado até o local e deixado ali. Não sei se foi uma brincadeira de mal gosto de alguém, abdução (**vai saber!**) ou o que. Mas a ideia de que ele chegou ali sozinho é completamente inverossímil. ([ceticismoaberto.com](http://ceticismoaberto.com))
- (74) E se você pensar mais além, é bem possível que os casais que se amaram aqui, no solo rachado do planeta, se reencontrem na imensidão do paraíso, dependendo de sua vontade, de seu merecimento e de outras questões. **Vai saber**, né? De qualquer forma, o "até que a morte os separe" é uma balela. O que separa mesmo um casal é a vida. ([casalsemvergonha.com.br](http://casalsemvergonha.com.br))

Todos os dados em que *vai saber* atua como MD apresentaram, sem exceção, algum tipo de isolamento gráfico, que contribuem para uma leitura dubitativa das construções. Já o uso como perífrase de futuridade não evidencia qualquer pontuação ou grafiação especial, enquanto

os casos de marcador dubitativo tendem a aparecer depois de vírgulas e seguidos, em alguns casos, de ponto de interrogação.

A observação de todos esses parâmetros, reveladores do comportamento dos diferentes usos de *vai saber*, permite afirmar que cada pareamento apresenta um nível de fixação distinto e que, de maneira escalar, a construção vai se cristalizando. Esse movimento é resumido em três resultados principais:

a) quando perífrase, *vai saber*, assim como outras expressões semelhantes, pode encaixar Esco, escopar um termo ou proposição. Amparada em uma base verbal ainda preservada, a construção [vai saber] PERFUT apresenta sujeito, flexão verbal e escopa um elemento simples, um fato ou evento real ou um fato possível.

b) em seu uso como marcador dubitativo, [vai saber] já demonstra “restrições”: não há um sujeito e as pistas de força ilocucionária sugerem contorno interrogativo, o que se combina com a escopagem de proposição, isto é, um fato possível e incerto. Além disso, enquanto Marcador Dubitativo, a construção não apresenta sujeito e está fixa na 3ª pessoa do singular, mas ainda esboça uma relação de encaixe com os complementos oracionais. Sendo assim, está mais fixado do que a perífrase de futuridade e pode estar se consolidando como um chunk – *vai saber se*.

c) como MD, [vai saber] é ainda mais fixado que os dois pareamentos anteriores, uma vez que não tem sujeito, não aceita nenhum tipo de flexão e não tem nem um tipo de esboço de uma estrutura argumental, pelo contrário, atua como um parêntese, completamente alheio à organização sintática da sentença. O MD se relaciona sempre com proposições/fatos possíveis, cuja realização é incerta. Essa tendência ao não factual se coaduna à total inexistência de sujeito, à não integração sintática ao conteúdo proposicional e a questões relacionadas à força ilocucionária. A observação dos dados sugere sempre, para esses casos, um contorno entoacional suspensivo, que deixa entrever uma dúvida ou hipótese, ou seja, um cenário não assertivo que o falante expõe ao ouvinte, mas sem a certeza de sua veracidade e realização.

#### 4.9. *Uma rede de MDs*

A rede linguística é a organização do nosso conhecimento de língua e pode ser representada funcionalmente por papéis sintáticos, por papéis semânticos ou por níveis de esquematicidade entre construções.

A representação do conhecimento linguístico em forma de rede destaca que as construções não existem isoladamente e que a organização da rede gramatical é dinâmica,

estruturando-se e reestruturando-se a partir das experiências individuais e coletivas com a língua, tal qual as redes neurais que armazenam a memória (DIESEL, 2019).

Em todas as possibilidades de representação, importa na ideia de rede “os conceitos de nós e links entre nós, a ‘distância’ entre membros de uma família, agrupamentos de propriedades, graus de entrincheiramento e acessibilidade de uma construção” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 9).

De acordo com Sambrana (2017) com o aumento ou a diminuição da produtividade, há a expansão da rede linguística. Novos membros podem se estabelecer, membros mais antigos podem permanecer estáticos em seu pareamento ou, ainda, podem reconfigurar um de seus polos. Essa rede é multidimensional, conforme podemos perceber nas palavras de Traugott e Trousdale:

Alguns nós na rede representam esquemas, outros subesquema, e outros microconstruções. Portanto um nó tem conteúdo de forma e sentido [...] e links são possíveis em múltiplas direções diferentes entre semântica, pragmática, função discursiva, sintaxe, morfologia e fonologia de qualquer nó. Cada nó é ligado de várias maneiras para outros nós em uma rede (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 51).

Nos tópicos anteriores, analisamos *vai saber* dentro de um conjunto de especificidades que sustentam a defesa de um novo pareamento de forma e significado em uma rede de marcadores discursivos dentro do sistema da língua portuguesa. Neste tópico, buscamos discutir uma possível alocação desse novo pareamento dentro da rede de marcadores discursivos do português brasileiro.

Em trabalho anterior, Robuste (2018) discute as construções formadas por *v1 + ver* com valor discursivo. A autora identificou que, ao adquirir um novo valor construcional, [*v1+ver*] se especializa em funções que necessariamente envolvem negociação entre locutor e interlocutor e nesse jogo é usada como estratégia acompanhada por (inter)subjetividade, ora mais voltada para a organização do discurso, ora mais voltada para a interação (p.139).

De acordo com Traugott (2010), intersubjetividade é um conceito baseado em Benveniste (1958) e está relacionado com a preocupação do falante com a autoimagem de seu ouvinte. Segundo a autora, a manifestação da intersubjetividade na língua pode se dar de forma gradual, conforme o grau de envolvimento dos interlocutores. Nesse sentido, quando expressa a atitude e crença do falante, maior o grau de subjetividade, e, quanto maior a preocupação do locutor com sua autoimagem perante o ouvinte, maior o grau de intersubjetividade. Assim, subjetividade e intersubjetividade são noções sincrônicas que compartilham o fato de indicarem

a atitude ou o ponto de vista (subjetivo) do falante, conforme é possível observar no *cline* sincrônico de (inter)subjatividade:

(75) *cline* (inter)subjatividade

não/menos subjetivo > subjetivo > intersubjetivo

(adaptado de TRAUGOTT, 2010, p.34)

Em suas discussões, Robuste (2018) analisa os graus de intersubjetividade das construções [v1 +ver] relacionando os graus de intersubjetividade e as funções que essas construções desempenham na dinâmica do texto.

Cristiano (2021), ao analisar a construção [pode crer], identificou que, em usos mais discursivizados, a construção também apresenta valores intersubjetivos que atuam na interação.

Em [vai saber] <sub>MD</sub> também identificamos usos semelhantes, conforme pode-se perceber em (76):

(76) Bom, deixei o pastor em um mato sem cachorro e vim embora para casa me desculpando por deixar ele em uma má posição né (mas sempre me pegava perguntando o porquê ele ainda abria a boca pra pregar uma coisa que nem ele sabe responder!) Esse foi um acontecimento que me fez descreer em Deus por um tempo, mas prefiro não pensar nisso, prefiro continuar crendo. Desculpem não falar sobre vampiros mais acima, mas achei importante o comentário do Klaus e realmente, sim, pode ser que o vampiro tenha outra ou outras origens, **vai saber**... No meu caso, só comento aquilo que estudei e pesquisei e outras “ideias” de outras pessoas serão sempre bem vidas a mim. (<http://www.prahoje.com.br/dj/?p=182>)

Em (76), *vai saber* indica que a mensagem da sentença anterior traz uma relação de dúvida. O falante se preocupa em sinalizar ao seu interlocutor que aquela informação não é baseada em fatos reais e sim em suas próprias conclusões. Com essa estratégia, ao mesmo tempo que deixa em aberto a possibilidade de veracidade, o enunciador constrói um mecanismo intersubjetivo para envolver o seu interlocutor e fazer com que este participe da decisão sobre o fato enunciado ser verdade ou não, protegendo assim, sua autoimagem perante o seu interlocutor.

A partir disso, acreditamos que a construção [vai saber] <sub>MD</sub> faça parte da rede de MDs de base verbal altamente subjetivos e orientados para a gestão da interação e das relações entre os falantes, juntamente com outros marcadores como *pode crer*, *vai vendo* e *quer ver*, discutidos em pesquisas anteriores como as de Robuste (2018) e Cristiano (2021).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente dissertação, analisamos a construção *vai saber*. Apresentamos os contextos de uso que apareceram em nosso corpus, a saber: como encaixadora de oração completiva ou OD e marcadora de futuridade, como marcadora dubitativa e como uma forma mais livre, indicadora de incerteza, hipótese, entre outras, as quais chamamos, respectivamente [vai saber]<sub>PERFUT</sub>, [vai saber]<sub>MARCDUB</sub> e [vai saber]<sub>MD</sub>. Verificamos que os contextos que *vai saber* atua, amalgamado à conjunção *se*, como marcador dubitativo são propícios para a emergência dos usos como MD.

Percebemos também que *vai saber*, apresenta em todos os contextos de uso um grau parcial de transparência semântica. Porém essa transparência, apesar de parcial em todos os contextos apresenta diferentes níveis de parcialidade, como uma escala. Quando atrelado ao significado de dúvida, como marcador dubitativo, *vai saber* apresenta um nível de transparência maior do que quando indica futuridade. Por outro lado, quando atua como MD e expressa diretamente uma crença originada no processamento mental do falante, a perífrase mostra-se mais transparente do que nos outros contextos de uso.

Durante nossas análises, buscamos descrever, com base nos parâmetros selecionados, os diferentes usos da construção, considerando fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos, considerando mudanças no pareamento de forma e significado, com usos mais discursivizados e que atuam de maneira mais abstratizada do que a perífrase com valor de futuridade.

A partir da análise sobre a relação modo-temporal dos verbos sob o escopo de *vai saber*, percebemos que em usos mais discursivos o contexto comunicativo e a intenção do falante parecem favorecer a utilização de pistas que corroboram com o tomo de incerteza, possibilidade ou até mesmo e uma modalização no sentido de não comprometimento com a informação, principalmente em contextos de MD – estas pistas não estão necessariamente nos modos e tempos verbais, visto que percebemos a presença de diversas combinações nas ocorrências analisadas. Nos dados envolvendo [vai saber]<sub>MARCDUB</sub>, as nuances dubitativas parecem estar associadas ao amalgamento de *se* à construção. Além disso, a ausência de uma referência de sujeito, em contextos de [vai saber]<sub>MARCDUB</sub> e [vai saber]<sub>MD</sub>, contribui de forma importante para seu afastamento do estatuto de perífrase, favorecendo, também, uma interpretação mais discursiva, sempre com tons de dúvida sobre o conteúdo escopado.

Ao observar o conteúdo encaixado ou escopado por *vai saber*, identificamos que o tipo de complemento influencia nos modos de atuação. Nos contextos que *vai saber* atua como perífrase de futuro, há possibilidades de conexão com três unidades: termo, Esco e proposição.

Seu sentido é mais conservado: a construção é indicativa de futuridade e é mais transparente do que nos outros dois contextos analisados. Isso quer dizer que se observa alguma composicionalidade da construção com esse uso. Em atuação diversa, ao se fixar como prefaciadora de uma proposição (fato possível), a construção se torna menos transparente e passa a atuar de maneira similar ao advérbio *talvez*. E, finalmente, em contextos de MD, a construção se torna ainda menos transparente, mais subjetiva, atuando sempre sobre proposições, tidas como de realização incerta.

No que se refere à posição nas orações envolvidas com *vai saber*, comprovamos que, no uso como MD, as construções são sintaticamente livres. De modo geral, a partir dos dados analisados nota-se que, ao atuar em contextos de MD, a construção apresenta-se alheia à estrutura gramatical, ou, nos termos da gramática tradicional, não desempenha função essencial. Isso, conseqüentemente, contribui para o ganho de liberdade sintática e utilização do MD em diferentes posições dentro do discurso, fato reforçado pelas pistas prosódicas verificadas nessas ocorrências que sugerem um contorno suspensivo em torno da utilização dessas construções. Em todas as ocorrências de [vai saber]<sub>MD</sub>, a construção encontra-se isolada graficamente por sinais de pontuação diversos, como traços, ponto-final, vírgulas e reticências.

Analizamos, também, a presença de material interveniente e, de modo geral, observamos que em contextos de futuridade, a construção não admite a presença de material interveniente. Os usos que admitem são como marcador dubitativo e como MD, mas essa admissão parece estar limitada às partículas *se* e *lá* que contribuem para o sentido de incerteza, dúvida e descomprometimento. *Lá*, por exemplo, como dêitico, tem sua referência menos pontual e plena, e *se* parece instaurar uma espécie de reflexividade no verbo, o que, no entanto, não averiguamos fortemente, por fugir aos objetivos deste estudo. Entendemos que essas formas variantes não provocam a retomada do sentido lexical das palavras envolvidas e continuam, embora em níveis diferentes, atuando como instaurados de dúvida, incerteza e baixo comprometimento do falante em relação ao conteúdo expresso.

No que se refere à força ilocucionária, identificamos que é possível que o tipo de força ilocucionária exerça influência nas diferentes faces de *vai saber*. Percebemos que o tom interrogativo das construções pode ter um papel importante na formação dos usos como marcador dubitativo e MD. Optamos por falar em “tom” porque as ocorrências, provenientes da escrita, trazem apenas pistas do contorno entoacional. Porém, como falantes da língua, é possível observar que [vai saber]<sub>MARCDUB</sub> e [vai saber]<sub>MD</sub> apresentam sempre um contorno ligado à incerteza.

Com as mudanças de significado (indicação de futuridade → expressão de incerteza/hipótese), houve um ganho significativo de convencionalização, e gradativamente as partes foram ficando menos transparentes, o que desencadeia a menor composicionalidade da construção. Nesse sentido, nem *vai* nem *saber* carregam, originalmente, a ideia de incerteza ou hipotetização, o que significa que a significação está no chunking *vai saber*. Verificamos também que [vai saber] atua em uma rede de Marcadores Discursivos com valor intersubjetivo originados de um verbo auxiliar com um verbo principal. Construções V1 + V2 são muito produtivas para a emergência de MD no português.

Em suma, tendo em vista a análise de todos os parâmetros selecionados para este estudo, com o objetivo de discutir, descrever e caracterizar as construções que envolvem *vai saber*, concluímos que há traços de mudança construcional. Essa asserção se justifica pelo fato de que [vai saber] <sub>PERFUT</sub> pode ser considerada uma microconstrução do esquema geral das perífrases verbais em português, com significado de futuridade. Em [vai saber] <sub>MARCDUB</sub> não é mais possível recuperar o valor de futuridade, a construção se torna mais abstrata e sem sujeito, o que evidencia uma nuance da mudança. Já em [vai saber] <sub>MD</sub>, há traços de construção de dúvida e/ou hipótese, ou seja, um novo significado, ligado, por sua vez, a uma forma mais livre e sintaticamente autônoma dentro do enunciado, o que entendemos como mais um passo na mudança, capaz de inserir [vai saber] em uma outra rede, a de MDs do português, em específico, no rol daqueles de cunho mais interacional e orientados à gestão geral do discurso e das relações entre os interactantes.

## REFERÊNCIAS

BARLOW, Michael.; KEMMER, Suzanne. (eds.). **Usage based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000.

BLAKEMORE, D. **Semantic constraints on relevance**. Oxford: Blackwell, 1987.

\_\_\_\_\_. **Relevance and Linguistic Meaning: the Semantics and Pragmatics of Discourse Markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

BUENO, F. S. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 196

BYBEE, Joan. L. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Cortez, 2016.

\_\_\_\_\_. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CRISTIANO, Lucas Borel. **Uma análise de pode crer à luz dos modelos baseados no uso**. 107f. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras), Câmpus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2021.

CROFT, W. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, D.A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. **Construction Grammar**. In: GEERAGRTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: OUP, 2007.

CULICOVER, P. W.; JACKENDOFF, R. **Simpler Syntax**. New York: Oxford University Press, 2005.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s**, 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>

DIESSEL, H. **The grammar network – How linguistic structure is shaped by language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DIK, S. **The Theory of Functional Grammar. Part I: The Structure of the clause**. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 1997.

\_\_\_\_\_. **The Theory of Functional Grammar. Part II: Complex and derived constructions**. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FILLMORE, Charles J. KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. **Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone**. *Language* 64/3, p. 501-538, 1988.

FISCHER, K. **Discourse Particles, Turn-taking, and the Semantics-Pragmatics Interface**. *Revue de Sémantique et Pragmatique*, v. 8, p. 111-137, 2000.

\_\_\_\_\_. **Towards an understanding of the spectrum of approaches to discourse particles: introduction to the volume**. In: FISCHER, K. (Org.) *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 1-20.

FONSECA, Ana Maria Hernandez da. **A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização**. 2010. 174f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

FORTILLI, Solange de Carvalho. **Predicados matrizes adjetivais de orações subjetivas no Português brasileiro: gramaticalização e dessentencialização**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2013.

FRANK-JOB, B. **A dynamic-interactional approach to discourse markers**. In: FISCHER, K. (Org.) *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 359-374.

FRASER, B. **Towards a theory of Discourse Markers**. In: FISCHER, K. (Org.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 189-204.

\_\_\_\_\_. **What are discourse markers?** In: *Journal of pragmatics*, 31, p. 931-952, 1999.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. **Construções de estrutura argumental no português do Brasil**. In: Documento para el XVII Congreso Internacional de Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, Argentina, la ALFAL XVII, 2014, p. 2004-2015.

GIBBON, A. O. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: Gramaticalização e Variação**. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GIVÓN, T. **Syntax: A Functional-Typological Introduction**. V.II. Amsterdam/Philadelphis: Jons Benjamins Publishing Company, 1990.

GOLDBERG, A. E. **Constructionist approaches**. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.) *Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University, p. 15–31, 2013.

\_\_\_\_\_. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, S. C. L.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; SOUSA, G. C. **As construções subordinadas substantivas**. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *A construção das orações complexas*. São Paulo: Contexto, 2016.

GUERRA, Alessandra Regina. **Funções textual-interativas dos Marcadores Discursivos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto. 2007.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008

HILPERT, Martin. **Construction Grammar and its application to English**. 2nd. edition. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2019.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. **Variation, change and constructions in English**. *Cognitive Linguistics*, v. 22, n.1, p. 1-23, 2011.

HOPPER, P., TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. **Lingüística cognitiva**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

KAPP-BARBOZA, Aline Maria Miguel. **Usos do verbo saber e a expressão da evidencialidade no português brasileiro**. Tese (Doutorado). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2017.165 f.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar. Theoretical Prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987, v. 1.

MALVAR, E.; POPLACK, S. **O presente e o passado do futuro do Português do Brasil**. In: VOTRE, S; RONCARATI, C. (Org.). *Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: Uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7letras, 2008, p. 187-207.

MARTELOTTA, M.E. KENEDY, E. **A visão funcionalista da linguagem no século XX**. In: CUNHA, M.A.F. OLIVEIRA, M.R. MARTELOTTA. M.E. (Org) *Linguística Funcional: Teoria e Prática*. 1º edição, São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 128 p.

NEVES. M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

OLBERTZ, H. **Verbal periphrases in a functional grammar of Spanish**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1998.

PALMER, F. R. **Mood and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PENHAVEL, Eduardo. **O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum?** Revista (CON)TEXTOS Linguísticos • Vitória – v.6, n.7, 2012. Pág. 78 – 98

\_\_\_\_\_. **Marcadores discursivos e Articulação Tópica**. Tese (Doutorado em Língua) – UNICAMP, Campinas, SP, 2010.

RISSO, M. S. **Marcadores discursivos basicamente sequenciadores**. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 427- 496, 2006.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. **Traços definidores dos Marcadores Discursivos**. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 403-425, 2006.

\_\_\_\_\_. **Marcadores discursivos: traços definidores**. In: KOCH, I. G. V. (org.). Gramática do Português Falado – v. VI: Desenvolvimentos. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 2002. p. 21-94.

ROBUSTE, Taísa Barbosa. **Construções [v1+ver] no português brasileiro contemporâneo sob perspectiva construcional**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/180393>

SAMBRANA, Vania Rosana Mattos. **Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver: uma abordagem construcional**. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem, subárea - Linguística), Programa de

PósGraduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Niterói, 2017.

SCHIFFRIN, D. **Discourse Markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SILVA, E. C. **A expressão do tempo futuro no português brasileiro dos séculos XVIII ao XX**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

SOUSA, Gisele Cássia. **Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por se**. 2007. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

THOMPSON, S. MULAC. A. 1991. **A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parenteticals in English**. In: E. Traugott, B. Heine. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company. p. 313-329.

TRAUGOTT, E. TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. 1ª edição, Editora Vozes. Petrópolis, 2021.

TRAUGOTT, E. C. **A constructional perspective on the rise of metatextual discourse markers**. *Cadernos de Linguística, [S. l.]*, v. 2, n. 1, p. e269, 2021. DOI: 10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id269. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/269>. Acesso em: 03 jul. 2023.

URBANO, H. **Marcadores discursivos basicamente interacionais**. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 497- 527, 2006.

